

BRUNA GIANNINI

OS IMPERATIVOS DO SUPEREU E SUA CONEXÃO COM O CAMPO DO
FEMININO.

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria
Psicanalítica

Orientadora: Profa. Dra. Renata Udler Cromberg

COGEAE – PUC/SP

2017

Resumo

Os Imperativos do Supereu e sua conexão com o campo do feminino.

A trajetória deste trabalho tratou de demonstrar a especificidade do conceito de supereu na obra de Freud e como esta noção pode ter implicações com o sofrimento, especialmente no campo do feminino.

Partimos das primeiras interrogações de Freud através dos casos de histeria, a qual Freud irá determinar uma especificidade da clínica psicanalítica, diferenciando-a da noção de química mental como origem dos padecimentos psíquicos.

Para compreender as noções-chave da metapsicologia, em particular o supereu com suas definições, retomamos como tal conceito foi construído em paralelo com a teorização do Eu e suas reformulações ao longo da obra.

A partir de 1923 em que a segunda tópica fora formulada e o conceito de supereu passa ser associado como grande fonte de sofrimento, pudemos questionar algumas articulações entre o mal-estar social e individual.

Buscou-se questionar como os ideais sociais e os paradoxos dos processos de identificação podem produzir imperativos, criando exigências, necessidades e demandas que atravessem a subjetividade das mulheres na atualidade.

Sustentaremos que a teorização do supereu foi crucial para pensar essa instância em sua função não apenas legisladora, mas a partir de determinações rígidas com finalidades sociais que marcaram e marcam a subjetividade de homens e mulheres.

Deste ponto de vista, foi também necessário neste estudo compreender as noções de masculino e feminino no campo social, seus respectivos papéis na sociedade, articulados às estratégias políticas e de poder.

Entendemos que somente a partir da identificação de alguns dos imperativos sociais é que poderíamos compreender certas manifestações de sofrimento das mulheres contemporâneas.

Assim buscamos fazer algumas interrogações para algumas manifestações de sofrimento da atualidade, compondo o campo do feminino como uma aposta mais singular, considerando a alteridade de cada um, na direção oposta da rigidez supereuóica.

Palavras-chave: Freud. Supereu. Eu. Feminino.

Agradecimentos

A minha mãe Regina que através de sua delicadeza e sensibilidade, me lançou em tantas interrogações a respeito do ser da mulher.

A Nair por suas ações de amor e cuidado que se tornaram marcas eternas em mim.

A Lourdes, por ter passado momentos incríveis ao seu lado, contando seus sonhos realizados e perdidos.

A meu pai Domingos, por sempre ter acreditado. E por continuar acreditando. Pela generosidade infinita e tão singular.

A Giovanna. Pelas brincadeiras da infância e pelos questionamentos da vida adulta. Seu apoio sempre foi fundamental.

A Áureo. Pelas histórias contadas de sua infância. Suas narrativas são parte intrínseca do que me tornei.

A professora Renata Udler Cromberg, pela escuta sensível, generosidade e por propor tantas interrogações fundamentais ao longo deste trabalho.

Aos amigos Enzo e Vinícius, as surpresas mais fecundas e que simbolizam o valor da amizade.

Aos professores deste curso: Lucia, Pedro, Inês, Julieta, Adela, Ada, Teresa e Wilson. Pela rica transmissão. Minha admiração e profundo agradecimento.

Sumário

Considerações Iniciais.....	5
Capítulo I.....	11
a. O sofrimento na histeria: culpa e auto vitimização	11
b. A reformulação da noção de Eu.....	19
c. Os que fracassam no triunfo: repetição e pulsão de morte	26
d. A segunda tópica é formulada: os paradoxos dos processos de identificação e mal-estar na cultura: os imperativos do Supereu	32
Capítulo II	42
a. Sobre o campo do feminino	42
b. Os imperativos imaginários da modernidade: do que sofrem as mulheres?	48
Considerações finais	59
Referências	60

Considerações iniciais

Durante o percurso e a construção da metapsicologia freudiana foi somente pela clínica, como campo pela qual a pesquisa psicanalítica se deu, que os conceitos teóricos puderam ser formulados.

Freud irá determinar uma especificidade da clínica psicanalítica, diferenciando-a do âmbito da psiquiatria médica de seu tempo.

Seu percurso teórico durante muito tempo foi garantir a universalidade da psicanálise, tal como ciência, e isso serviu de orientação para que Freud construísse a metapsicologia, mas sempre levando em conta o caráter do particular e da singularidade de seus pacientes.

O tratamento, oferecido a partir da escuta analítica, considerava de forma central aquilo que o paciente falava, ou seja, o campo da linguagem, trazendo a perspectiva de subjetivar a história de cada um.

Freud então pôde se interrogar, desde os primeiros casos com as histéricas, acerca do que estaria na origem do sofrimento, bem como o que caracterizava os mesmos em termos fenomenológicos.

Ao relatar estes primeiros casos, ele faz referência entre a relação do sintoma com duas dimensões que pareciam contrárias no interior de cada sujeito. Refere-se aos sentimentos ambivalentes e a que as pacientes pareciam ter “dois Eus”, um verdadeiro e um mau que impelia a coisas más (Freud, 1893-1895).

Foi pelo relato do sofrimento de suas pacientes que Freud supõe a existência da divisão do sujeito a qual revelava de um lado uma força interna capaz de atormentar, produzir culpa e a necessidade se sentirem castigadas ou até mesmo punidas.

Esses primeiros fenômenos foram descritos muitas vezes nos *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*, especialmente sob a forma de autoacusações infantis, vergonha, ameaças, repetições, vitimizações, mas também apareceram ao longo de toda a obra freudiana, quando relatada nos casos de neuroses obsessivas, fobias e até nas psicoses.

Segundo Homrich (2008) a presença do supereu é assinalada já na antessala da psicanálise:

As primeiras impressões acerca do superego emergiram do estudo e da observação da psicopatologia, sendo que já na antessala da psicanálise ele registrou a necessidade de castigo e vitimização e na histeria; a hiper-culpabilidade na neurose obsessiva; auto recriminação na melancolia; delírios de perseguição e de ser notado na paranoia; e a culpa e a repressão de impulsos hostis na fobia. (p.21)

Ao final da obra *Estudos Sobre a Histeria*, Freud (1893-1895), ao discorrer sobre a psicoterapia da histeria, irá afirmar a importância em seu método em despertar as camadas profundas da mente, desvendar relações aparentemente desconexas, despertar lembranças, reforçando a articulação entre sintoma e a história subjetiva dos pacientes.

Tal aspecto marca o seu afastamento da ideia de química mental como origem dos padecimentos psíquicos.

Essas ideias iniciais da psicanálise nos parecem muito importantes neste estudo, não apenas por enfatizar o *modus operandi* da prática analítica, mas também porque nos faz refletir sobre a gênese dos sintomas e de como os conceitos, particularmente o de superego, foram teorizados por Freud.

O que vai se construindo no campo da clínica e em paralelo teorizado é também a noção de verdade do sujeito, ou seja, a forma como cada um produz a sua verdade, sendo esta contada e recontada em análise.

No entanto, ao elucidar o campo dos sintomas nos diversos casos clínicos que Freud escreve, ele percebe que o sofrimento não é algo estritamente do campo do singular, mas faz uma referência a certa universalidade.

Vejamos na leitura de Safatle, 2008, como essa articulação ocorre:

Um dos primeiros conceitos criados por Freud para a análise de fatos sociais foi o de superego. Ao tentar explicar, através do mesmo dispositivo, a gênese da consciência moral, do sentimento de culpa, dos ideais sociais do eu e da internalização da lei simbólica, Freud deparou-se com um processo no qual socialização e repressão convergiam em larga medida. (p.115)

Este aspecto destacado pelo autor denota a convergência entre modos de socialização com os processos de subjetivação dos sujeitos, ressaltando a noção de intersubjetividade para a constituição psíquica e a relevância do papel da repressão, particularmente na neurose.

Isto significa dizer que para o processo de constituição do psiquismo há uma operação de repressão que se faz necessária e que todo ser humano, dada a sua precariedade biológica e necessidade de cuidados iniciais, estará em relação de dependência a um outro de que cuida, que nomeia e que o marca simbolicamente no mundo da linguagem.

Isso nos interessará já que nossa pergunta parte da gênese do supereu para refletirmos como essa instância pode operar hoje no campo do feminino, produzindo efeitos e possíveis sofrimentos nas mulheres.

Vejamos mais uma vez em Safatle (2008):

Para ser reconhecido como sujeito e como objeto de amor no interior da esfera familiar, ou seja, para sair de uma situação de desamparo e ver-se garantido em sua posição subjetiva enquanto objeto de amor, faz-se necessário que o sujeito se identifique exatamente com aquele que sustenta uma lei repressora em relação às exigências pulsionais. O resultado é a internalização psíquica de uma “instância moral de observação”, no caso, o supereu resultante dessa identificação parental. (p.118).

Este processo de constituição psíquica, da qual o supereu é operador elementar, traz junto o próprio paradoxo teórico desta instância e que pretendemos explorar neste estudo: ao mesmo tempo em que é uma instância que organiza o psiquismo, permitindo identificações, produz a função moralizante e crítica em relação ao Eu.

Em Roudinesco e Plon (1998) vemos que o conceito de supereu foi produto de uma longa elaboração para Freud. Enquanto o mesmo era sinônimo de ideal de eu, suas funções permanecem ambíguas. Essa ambivalência na obra freudiana era justamente estar ligada tanto ao ideal como a proibição, tendo está última uma função repressora junto ao eu.

Mas como uma mesma instância pode ter funções aparentemente tão opostas? Como pensar que organização e repressão podem operar juntas? Homrich (2008) aponta:

Apesar da complexidade do universo superegóico, não encontramos na teoria freudiana uma sistematização deste conceito, mas sim um conjunto teórico inconclusivo que está disperso em sua obra. (p. 13)

Nosso propósito neste trabalho é fazer um recorte sobre a construção teórica acerca da noção do supereu, a fim de elucidarmos qual a sua função e incidência no campo que chamamos de feminino.

Para tanto, nos limitaremos inicialmente entre os anos de 1895 a 1923 quando Freud elabora a segunda tópica e expõe teoricamente as funções do supereu.

Ao longo dos capítulos, buscaremos discutir também como a cultura e os processos de subjetivação estão interligados, tal como Freud expõe em o *Mal-Estar na Civilização*. Compreendemos não ser possível separar as formas de sofrimento do particular sem que nos interroguemos sobre a cultura e os laços sociais envolvidos.

Pensar justamente a confluência entre o campo da experiência subjetiva feminina e os imperativos imaginários sociais que atravessam as mulheres de nossos tempos, é fundamental para identificarmos as principais formas de sofrimento destas.

Nesta via é preciso retornar aos pressupostos gerais do supereu freudiano. Ambertín (2006) debruçou-se sobre esse conceito e fez um estudo minucioso das obras de Freud.

Ela soube elucidar como os imperativos do supereu aparecem na clínica e traz inúmeros exemplos de como essa instância também está presente durante toda a obra freudiana.

Um deles bastante interessante é um pequeno caso clínico que ilustra a incidência dos imperativos do supereu e que se manifesta nas torpezas e nos acidentes. O caso ao qual se refere é o de uma jovem senhora que quebra a perna devido a um acidente de carruagem.

Ela nos conta, tal como relatado por Freud, que a jovem senhora estava hospedada com o marido, um homem particularmente muito ciumento, na fazenda de uma irmã casada e na companhia de outras irmãs com seus respectivos maridos. Certa noite ela exhibe um de seus talentos: dançar canção com perfeição. Eis que o esposo lhe diz: “*Você tornou a se portar como uma meretriz!*”.

A paciente passa a noite inquieta e eis que na manhã seguinte resolve dar um passeio de carruagem, escolhendo ela mesma os cavalos. Durante o passeio dá

mostras de seu nervosismo e diante de certa dificuldade momentânea no trajeto, ela salta do veículo assustada, sendo que os demais passageiros ficaram ilesos.

Ambertín (2006) aponta que ao ouvir o marido, o “*comentário calou fundo*” e que este seria um imperativo do supereu, trazendo o tom de acusação, transformando-se em autocensura. Vejamos:

No exemplo, esse “comentário calou fundo” é um imperativo do supereu que domina, comanda e sitia. Essa palavra dispõe sobre a subjetividade da jovem dançarina e como uma flecha acusa: Puta! Obviamente a acusação vai além do baile, mas consegue sentar a jovem no banco dos réus para que ela mesma busque um castigo proporcional à sua culpa. (p.21).

O acidente da paciente de Freud seria uma espécie de punição pelo seu comportamento, já que por muito tempo a mesma ficou impossibilitada de dançar canção.

Ambertín vai além ao pensar a partir dos casos clínicos a noção do supereu, interroga-se sobre as paradoxais formulações freudianas e que diante disso não podemos retroceder, mas identificar as verdades que existem por trás das contradições.

No que concerne à teoria, diversos autores criticam a formulação de alguns psicanalistas em reduzir a noção do supereu apenas como resultado da identificação paterna e herdeiro do complexo de Édipo. Ambertín (2006) nos esclarece:

Para os primeiros – Freud, Lacan, Klein, Reik, Alexander, entre outros o supereu é um dos conceitos freudianos que, atrelado ao de pulsão de morte, deixa um traço incurável na subjetividade, é o resultado da intrusão – linguagem mediante – do mal-estar na cultura. (p.47)

Para nossa discussão, será, portanto, necessário fazermos um retorno ao percurso freudiano, da primeira tópica em direção à segunda tópica, da noção de vitimização e culpa na histeria, passando pelas imbricações que esse conceito teve com o ideal de eu, com a pulsão de morte e como instância veiculada a lei e a moral.

Se o sintoma foi entendido por Freud como aquilo que dá forma e que simboliza o sofrimento, é somente a partir da noção do supereu que poderemos localizar os impasses e os conflitos, isto porque é essa instância que foi vinculada ao lado feroz do psiquismo e à pulsão de morte.

Mas o que se repete? E como a noção de pulsão de morte se relaciona com o supereu? Se os inúmeros casos clínicos apontados por Freud localizam os impasses

e conflitos das históricas de Viena, qual a especificidade de sofrimento que encontramos hoje?

Por quais discursos da atualidade que o campo do feminino é hoje atravessado? É partindo deste questionamento que buscaremos algumas elucidações neste trabalho.

Capítulo I

a. O sofrimento na histeria: culpa e auto vitimização.

A histeria, enquanto categoria clínica, aparece no início da psicanálise como uma das formas de sofrimento mais presente entre os casos e pacientes que buscavam a ajuda de Freud.

Desde o início de sua experiência psicanalítica, Freud observa que os relatos de suas pacientes eram marcados pela existência de uma voz interior maligna que inquietava a vida de suas pacientes.

Essa “voz interior” indicava que algo no íntimo do sujeito era marcado por uma vociferação devastadora e que, portanto, poderia explicar a origem dos sintomas e dos conflitos psíquicos.

O que os primeiros casos de Freud tinham em comum parecia apontar para a uma conotação moral como uma das origens do conflito psíquico. Se uma ideia era intolerante à consciência é porque em algum lugar, no âmago desse mesmo sujeito, havia uma outra ideia incompatível.

O que temos é um paradoxo no interior de cada psiquismo, o que faz Freud apostar na noção de divisão a partir da construção da primeira tópica e, portanto, dos conceitos inconsciente, pré-consciente e consciente.

Entretanto, se ainda a noção de supereu não é formulada teoricamente por Freud, já que ela só será apresentada formalmente em 1923, podemos mapear sua presença a partir do material clínico que Freud nos expõe.

Ambertín (2006) no prefácio de seu livro nos diz:

O resultado do acompanhamento do supereu ao longo da obra freudiana indica que esta instância não apenas avassala o suposto domínio do eu e as engenhosamente cifradas formações do inconsciente, mas que também comanda insensatamente e impele do gozo ao pior. (p.17).

Essa noção exposta pela autora é relevante por trazer a especificidade da noção de causalidade psíquica na obra de Freud. Isto porque se no início Freud apostava que algo de um evento exterior acometia o sujeito, referindo-se ao corpo estranho e traumático, aos poucos essa noção será modificada pela ideia de causalidade psíquica.

Monzani (1989) nos esclarece:

Haveria, por exemplo, o Freud neurólogo, até por volta de 1897, data em que, por fim, teria abandonado definitivamente essa posição. Ou, então, haveria o Freud adepto da teoria da sedução até por volta da mesma época, quando, percebendo seus enganos, teria posto de lado e colocado as verdadeiras bases da etiologia das neuroses através dos conceitos de fantasia e sexualidade infantil. (p.15).

Mas antes nos deteremos um momento aos primeiros casos relatados por Freud em *Estudos Sobre a Histeria (1893-1895)* já que foi a partir da clínica que se pôde construir a teoria e não o contrário.

A paciente Ana O., primeiro caso relatado por Freud e um dos mais famosos, merece destaque. Ana fora levada para ser atendida pelo médico Josef Breuer, na época a paciente tinha 21 anos (1880). Desse caso derivou o início das descobertas freudianas a respeito do funcionamento psíquico. O caso foi escrito por Breuer e Freud conjuntamente, elucidando uma série de aspectos sobre a categoria clínica da histeria.

Freud e Breuer (1893-1895) descrevem a paciente a partir de uma riqueza de detalhes acerca de sua personalidade. Encontramos nos relatos que Ana O. tinha rico talento poético e dom da fantasia, uma bondade compassiva, certa tendência ao excesso de alegria e tristeza.

Essa garota de vitalidade intelectual transbordante levava, no seio da família de tendência puritana, uma vida extremamente monótona, que ela embelezava de um modo provavelmente decisivo para sua doença. Cultivava sistematicamente o devaneio, que dominava seu “teatro particular. (p.41).

Ana O. também é descrita com um excesso de atividade e energia psíquica que não eram utilizáveis e Freud nos diz que na impossibilidade em produzir ou expressar-se de alguma forma, a paciente adoece. Outro apontamento importante acerca dos sintomas de Ana O. era o fato de parecer possuir *dois Eus*, tal como já mencionamos anteriormente, o “verdadeiro Eu” e um “mau Eu” que a impelia a coisas más. Após seu costumeiro cochilo da tarde, queixava-se de algo que a *atormetava*, repetindo sempre: *atormentar, atormentar*.

O “Eu mal”, como a própria Ana o nominava, influenciava sua atitude moral, bem como era marcada por várias *autoacusações* infantis.

Em outro relato de caso, Miss Lucy, uma mulher de 30 anos que sofre de alucinações olfativas, Freud relaciona o sofrimento da paciente a uma “*incompatibilidade de ideias*”, apontando para princípios distintos no interior da paciente. Neste caso em particular o que parecia estar em jogo era seu amor pelo patrão e seu medo de que outros *zombassem* dela, caso suspeitassem de seus sentimentos.

A *vergonha* de que outros descobrissem esse amor estava relacionada ao fato de Lucy ser uma garota pobre e o patrão rico, segundo ela conta à Freud. Algo de uma incompatibilidade moral incide também neste caso clínico, articulando-se aos sintomas da paciente.

Freud (1893-1895) é claro quanto à incidência do aspecto moral no surgimento dos sintomas.

Assim, por um lado o mecanismo que produz a histeria corresponde a um ato de hesitação moral; por outro, apresenta-se como um dispositivo de proteção que se acha às ordens do Eu. (p. 178).

No caso da Jovem Homossexual, escrita por Freud já em 1920 em “*Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*”, a presença do supereu pode ser detectada na tentativa de suicídio da paciente.

A jovem, uma garota de dezoito anos, pertencente a uma família de elevada posição social, provoca o infortúnio dos pais pelo amor que dedica a uma dama da sociedade, de caráter questionável segundo os seus genitores, sendo esta última dez anos mais velha que a paciente. Freud nos conta:

Havia dois aspectos em sua conduta, aparentemente opostos, que irritavam sobremaneira seus pais. O fato de não ter escrúpulos em aparecer abertamente, em ruas movimentadas, com sua mal afamada amiga, não atentando assim para sua própria reputação, e também de não desdenhar nenhum meio de engano, nenhum subterfúgio ou mentira para possibilitar ou ocultar suas entrevistas com ela. (p116).

O que Freud nos conta em seguida é de especial importância para a compreensão da antessala do supereu. Se de um lado a paciente não ocultava seus

sentimentos pela dama, de outro lado parecia dissimular. Eis que um dia, ao passear com a amada pelas ruas, encontra seu pai, que lhe confere um *olhar furioso*.

Depois deste encontro a paciente jogou-se sobre a mureta da linha de um trem, em uma tentativa de suicídio fracassada. Ambertín nos diz:

Ainda que seja surpreendente, não podemos deixar de ressaltar que as torpezas, em sua dimensão de autolesões ou auto-aniquilamento semidelibrados, não são senão outro nome do supereu na obra freudiana. (p.19).

No caso da Sra. Elizabeth Von R., uma paciente atendida por Freud em 1892 e que apresentava dores nas pernas, levando-a a andar com dificuldade, Freud relata-nos a relevância de alguns dos infortúnios vividos pela paciente nos últimos anos antes da busca por tratamento.

Seus sintomas físicos, dores que irradiavam e dificultavam seu andar e os psíquicos, como amargura e tristeza, estavam atribuídos à crítica da paciente quanto aos seus pensamentos (a ideia intolerável de seu amor ao cunhado).

Para Freud a paciente é poupada da certeza de que amava seu cunhado, punindo-se através das dores físicas, representada pelos sintomas conversivos. Identificamos mais uma vez a convergência entre a natureza moral dos pensamentos com os sintomas produzidos. Mas não se trata só disso.

Como sabemos, para Freud (1893-1895, p. 369), “a característica principal da etiologia das neuroses: que sua gênese é, na maioria dos casos, *sobredeterminada* e que vários fatores têm que concorrer para esse resultado”.

Um outro dado importante deste caso é que a paciente se dedicara durante muito tempo a cuidar de seu pai doente. Nesta mesma época havia a menção a um jovem por qual ela parecia dedicar-lhe bastante afeição.

Em uma das noites em que cuidara do pai, deixou-se persuadir, por insistência do mesmo, de que se afastasse dele nos cuidados que lhe conferia e que fosse a uma reunião a qual a jovem esperava encontrar o rapaz. Freud (1893-1895) nos conta:

Quis depois apressar-se de volta a casa, mas constrangeram-na a ficar e cedeu quando ele prometeu acompanhá-la. Jamais sentira por ele algo tão ardente como durante esse percurso em sua companhia; mas quando, em tal felicidade, chegou tarde a sua casa, encontrou o estado do pai agravado e se fez as mais amargas recriminações por ter consagrado tanto tempo a seu próprio prazer. (p.210).

Trata-se neste relato de amargas recriminações quanto à posição desejante da Sra. Elizabeth, ela parece sentir-se culpada por ter deixado o pai e associa sua ausência à própria piora do mesmo, como se os eventos tivessem relação direta entre si. Mas porque a paciente se recrimina tanto? Há algo a mais a ser investigado.

Para tal compreensão pensamos ser necessário seguirmos com uma leitura mais aprofundada acerca da histeria e da cultura oitocentista. Tal como nos diz Nakasu (2011):

Dentre os conceitos-chave da metapsicologia, o de supereu é certamente um conceito de difícil apreensão, complexo, pois são numerosas suas definições e extremamente amplo o seu alcance: da clínica para a metapsicologia, passando pela teoria da cultura, o supereu atua em todos os âmbitos da investigação psicanalítica, deixando entrever inúmeros mal-entendidos por parte dos comentadores. (p.183)

Aqui poderemos ir mais a fundo e nos perguntar: qual o lugar que era conferido às pacientes histéricas na cultura burguesa de Viena? Por que eram as mulheres em sua maioria, as acometidas desse mal-estar?

Kehl (2008) discute bastante essa questão em seu livro *Deslocamentos do feminino*. Ela nos elucida que, quando as pacientes histéricas começam a falar ao Dr. Freud, especialmente sobre temas relativos à sexualidade, algo que antes não poderia ser nomeado, passa a se inscrever, operando como um furo no discurso.

Essa noção é compartilhada por Safatle (2016) na releitura do caso Dora, já que o autor resgata em Freud a relevância e a relação entre os conflitos fundamentais nos processos de constituição de gênero.

Pois se há algo que o século XX produziu foi a crença de que o falar franco sobre o que é da ordem do sexual implicaria, por um lado, lançar luz sobre o que somos e como nos relacionamos, mas, por outro, transformar o que somos e como nos relacionamos. (p. 378).

O que Kehl e Safatle nos ensinam é que o reconhecimento de cada sujeito em sua subjetividade passa inevitavelmente pela forma como cada um subjetiva sua

sexualidade, portanto podemos pensar que no tratamento da histeria abre-se a possibilidade de um saber, que antes não era “colocado em palavras”.

Ora a sexualidade é um conceito central nas descobertas freudianas. Expressão do recalcado é a partir da inscrição corporal que somos marcados em nossa presença no mundo simbolicamente. Essa questão é fundamental para compreendermos a articulação entre os conceitos de sexualidade e cultura.

Van Haute e Geyskens (2016) nos explicam que as análises dos casos de histeria levaram tanto Freud quanto Breuer, a partir do método catártico, a se posicionarem contra as concepções vigentes de Charcot e Janet.

Enquanto o primeiro acreditava que a gênese da histeria estava em disposições hereditárias neuropatológicas, o segundo pensava em uma fraqueza geral do sistema nervoso. (p.36)

O método catártico proposto por Freud e Breuer, em que as pacientes falavam sobre suas memórias dolorosas e, portanto, articulavam seus afetos reprimidos a uma tomada de consciência, permitia a remissão dos sintomas (parcial ou total).

Esta era uma descoberta significativa, pois indicava a relação entre sintoma e lembranças dolorosas, ou seja, a articulação entre afeto e representação.

Van Haute afirma que, Freud e Breuer, apesar de inicialmente enfatizarem a influência dos fatores acidentais (traumas) como causa da etiologia da histeria, isso só poderia ser explicado por uma disposição, o que de fato não os distanciaria tanto da concepção de Charcot e Janet.

Para além da possível disposição, Freud continua suas investigações e percebe que havia em suas pacientes certa tendência a rechaçar tudo aquilo que contém prazer sexual, expulsando tais experiências do campo da consciência.

Segundo Van Haute (2016):

Estes vivenciam a sexualidade como algo sujo e de mau gosto, como um ataque à integridade: “A moça sente em Eros o terrível poder que rege e decide seu destino, e se assusta com isso. Tanto maior, portanto, é sua inclinação para desviar os olhos e recalcar para fora da consciência a coisa que a assusta” apud. (p. 39).

Desta forma haveria como uma aversão à sexualidade nessas pacientes, um temor quanto às paixões sexuais arrebatadoras, ligadas ao prazer corporal, o que explica o recalque e o afastamento da consciência, provocando posteriormente os fenômenos somáticos.

Mas aqui é relevante ressaltarmos que Freud está em 1895, quando ainda acredita em sua teoria da sedução e na relação direta entre trauma e sintoma. Em 21 de setembro de 1897, Freud escreve a famosa citação a seu amigo, Wilhem Fliess ao qual não acredita mais em sua neurótica, ou seja, em sua teoria da sedução.

Aqui se faz um relevante giro teórico em que a causalidade dos sintomas não é mais atribuída a um evento externo (trauma) mas sim a noção de causalidade psíquica, a partir da fantasia. Mais uma vez encontramos em Van Haute (2016):

Em 1897, uma transição acontece no pensamento freudiano do trauma à disposição, mas a primazia da sexualidade permanece intacta. Daí em diante a disposição se torna uma constituição libidinal. (p. 45).

Considerarei importante mencionar esse giro teórico, pois a disposição à histeria vai aos poucos ganhando uma nova leitura a partir dos textos *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Van Haute (2016) nos aclara que tal disposição estaria vinculada a dois fatores interconexos: a bissexualidade inata e o recalque orgânico das zonas erógenas.

Este fator nos é particularmente significativo quando falamos anteriormente que o processo de constituição dos sujeitos se dá por uma operação de recalque orgânico, já que o corpo é codificado e marcado simbolicamente pelo Outro.

Mas aqui Freud ainda está longe da conceituação da segunda tópica e da introdução do supereu em sua obra. O que gostaria de frisar neste momento é a importância de dois aspectos que confluem em toda a obra freudiana: a sexualidade e a cultura.

Neste ponto chegamos ao que Kehl (2008, p. 47) se interrogou em seu livro: “de que tradição vinham se desviando essas que a psiquiatria da época chamava de históricas? Que apelos a sociedade burguesa nascente fazia às mulheres e que impossibilidades estavam colocadas para sua realização”?

Pois bem, se Freud investiga questões da sexualidade ele também nos diz que é pela mínima diferença entre os corpos que as identidades de masculino e feminino serão categorizadas como aquilo que as identifica ou as distingue dentro de um grupo na cultura.

Há, portanto, como nos diz Kehl (2008) “manuais de instrução” na trama simbólica da cultura, designando lugares, posições e deveres. Aqui não são levados em conta os desejos particulares, mas sim construções imaginárias que incidem sobre os sujeitos masculinos e femininos sobre o que é ser homem ou mulher. Faremos aqui um paralelo:

No filme protagonizado por Julia Roberts, em 2003, intitulado *O Sorriso de Mona Lisa*, a cultura dos anos 1950 é retratada, em um colégio tradicionalista ao qual as mulheres desta instituição eram formadas para serem mentes brilhantes.

Julia Roberts interpreta uma professora de pensamento liberal, que procura ampliar ou até subverter a mente dessas moças, que por mais bem instruídas, tinham como destino central de suas existências, transformarem-se em cultas esposas e responsáveis mães.

Há entre as mulheres dos tempos de Freud e a cultura ocidental americana dos anos 50 um intervalo de aproximadamente sessenta anos. Entretanto o que se detecta é uma espécie de rigidez na inscrição identitária do que é se mulher, mesmo que avanços tenham ocorridos e muitas conquistas logradas.]Achei interessante fazer esse paralelo, isto porque procuraremos interrogar a partir do conceito de supereu, quais os papéis e destinos possíveis oferecidos às mulheres socialmente no curso da modernidade.

Posteriormente ao longo dos capítulos nos interrogaremos qual o mal-estar que os imperativos podem produzir ao longo dos anos, considerando que a cultura modifica os laços sociais e os ideais.

Mas o que se observa é que de um lado essa cultura parece ter produzido a histeria, a partir de donas de casa atormentadas, mulheres, esposas de classe média oprimidas pela classe burguesa e aprisionadas em certos significantes que lhes conferiam como sua conduta deveria ser ajustada aos ideais sociais.

Kehl (2008) aponta:

Sabemos que as indagações das primeiras pacientes de Freud eram contemporâneas a uma grande produção científica e

filosófica que tinha como tarefa, na Europa do século XIX, explicar A Mulher. (p.29).

O que procuramos interrogar neste estudo é que embora saibamos que não há um manual de instruções com objetos específicos para todos e que daria conta da forma como cada um deseja, há um modelo fortemente construído a partir do saber médico e científico que procurou responder o que é A Mulher.

Esse saber médico e científico, atravessa a cultura, os discursos, marcando sua presença no universo simbólico e nos corpos libidinais das mulheres.

É por essa razão que compreendemos que fazer o percurso freudiano acerca do conceito do supereu é também aprofundar como essa instância, tida como repressora/moral, mas também como ideal para as identificações, operou e opera no psiquismo das mulheres e em seus corpos.

Aqui parece que nos tempos de Freud, o discurso das histéricas pode ser tomado com uma espécie de “revolução” do campo do feminino. Ao nomear algo da ordem da sexualidade, promove um “buraco” no discurso social.

Provoca-se uma certa ruptura, deslocamento, põe-se em questão o sujeito feminino em contraponto com a moral vitoriana que tomava a sexualidade apenas como sinônimo de procriação.

Se a mulher foi tomada por muito tempo pela cultura como aquela que complementa e sustenta a posição masculina, tal como nos elucidou Kehl (2008), é somente nos intercursos dos diferentes momentos históricos que se provoca um deslocamento desse lugar.

Podemos pensar que quando as pacientes de Freud falam sobre seus desejos, ainda que de forma culposa ou vitimizada pela instância do superego, o próprio falar opera como um dispositivo libertador.

Investigaremos mais os recuos e avanços desse campo.

b. A reformulação da noção de Eu.

No capítulo anterior procuramos explorar as primeiras hipóteses freudianas acerca da noção de conflito e como as ideias antitéticas estavam presentes no

psiquismo, sendo estas aflitivas e constrangedoras devido ao seu conteúdo sexual e ao mesmo tempo moralmente insuportáveis.

No início dos trabalhos de Freud o sucesso do tratamento dependia de que as ideias rechaçadas para fora da consciência pudessem vir à tona, sendo acessíveis às suas pacientes.

Mas já em *Interpretação dos Sonhos*, em 1901 Freud assinalava a censura dos sonhos, a presença de duas instâncias psíquicas, sendo uma delas de ordem repressiva e não criativa. Nakasu aponta:

Entre a publicação de *A interpretação dos sonhos* ([1900] 1989d) e o texto que introduz a segunda tópica, *O ego e o id* (1923] 1989k), um longo trabalho de teorização ocorreu para que as bases metapsicológicas do que Freud denominou “imperativo categórico” fossem elaboradas. (p.185).

No que diz respeito às reformulações da teoria e suas contradições, Mezan (2014) nos ajuda a refletir sobre os três modelos pulsionais presentes durante toda a obra. No primeiro modelo, Freud elabora a teoria do inconsciente, teoria da libido e no plano terapêutico a resistência/transferência.

O que opera do ponto de vista da teoria da libido é sua concepção econômica e dinâmica, como um jogo de forças. Isso explicaria, grosso modo, as fixações da libido, as repressões e a origem dos sintomas, tal como nos primeiros casos de histeria.

A operação de recalque incide sobre a sexualidade, ainda que Freud não soubesse exatamente o porquê o alvo seria sempre a sexualidade, nos esclarece Mezan. (2014).

O que se modifica na teoria do trauma/sedução para a teoria da fantasia (quando Freud abandona a sua neurótica) é que na primeira os fatores externos seriam determinantes e na última as pulsões são determinantes, sendo as situações externas contingentes.

O que ocorre tal como nos diz Mezan (2014) é que em *Estudos Sobre a Histeria*, que muitos consideram ainda um período pré-psicanalítico, Freud privilegia os afetos como o elemento a ser regulado pelo princípio do prazer-desprazer.

Em *Interpretação dos Sonhos*, que muitos entendem como o surgimento da psicanálise, o desejo passa a ser força motriz do aparelho psíquico.

Mas o desejo é entendido por Mezan (2014) como energia psíquica. Ele nos diz: “quem deseja? A meu ver, se há um sujeito no primeiro modelo, ele é a energia psíquica, e não algo semelhante ao sujeito na filosofia.” (p.123).

Foi no texto de 1910 *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* que Freud introduz pela primeira vez o termo pulsões do ego.

Esse texto nos parece bastante rico, pois é o que vai dar um substrato pulsional ao princípio de autoconservação, já que antes este último estava ligado aos interesses de satisfação, relacionados aos prazeres e necessidades tais como fome e sede.

Até esse momento Freud trabalha com o modelo clivado da mente a partir das pulsões de autoconservação em oposição às pulsões sexuais.

Em termos de teoria da libido os processos inconscientes, não seriam alterados pela passagem do tempo, seriam regidos pelo princípio do prazer, só cognoscíveis a partir dos sonhos e das neuroses. Em oposição estaria o princípio da realidade, ligado à consciência e à manutenção da auto- conservação.

Ou seja, no modelo mental regido pela tese do prazer e desprazer, seria o trabalho da mente reduzir a tensão (produzindo prazer), prevenindo contra o desprazer (aumento de tensão), tendo como base o modelo econômico e quantitativo de forças dinâmicas.

Nesta via, o Eu, vinculado à consciência e ao pré-consciente, seria um agente de defesa, teria como “tarefa” afastar todo conteúdo que produziria aumento de tensão e desprazer, seja este último ligado a um evento externo (moral, ética) ou interno (sexualidade).

Como nos esclarece Nakasu (2011), sobre as funções do Eu o que temos é que se em *Estudos Sobre a Histeria* as fronteiras do eu e da consciência não são tão evidentes, em *Interpretação dos Sonhos* o eu passa a ser pensado em função de uma nova topologia da mente, ainda como um agente de defesa, aproximando-o ao pré-consciente.

É somente em *Introdução ao Narcisismo* (1914) que Freud distingue o narcisismo do autoerotismo, constitui o eu como imagem de si e como objeto potencial de investimento libidinal. Vejamos em Mezan (2014):

Ora, o que ocorre no segundo modelo? Rompeu-se a equação “infantil=parcelar”, já que a etapa do narcisismo corresponde a uma primeira unificação das pulsões “até então autoeróticas”.

Correlativamente, o objeto destas pulsões não é mais um objeto externo, mas “si mesmo” ou “o próprio corpo”, ou como vimos, o “ego”. (p 127).

Mezan (2014) chama de segundo modelo da teoria freudiana este introduzido pelo conceito de narcisismo. Ao discutir sobre as ambiguidades deste conceito o autor nos aponta que se a matriz clínica do primeiro modelo é a histeria, a matriz deste segundo modelo seriam as psicoses, isto tomando como ponto de partida a teoria da libido.

Pois é no caso Schreber que ele menciona uma fase em que predominaria o narcisismo, uma fase entre o autoerotismo e a escolha objetal.

Deste caso, Freud pensa a patologia como consequência de um processo de regressão de libido, ou introversão, tal como na esquizofrenia ou megalomania em que há um grau de afastamento da realidade.

Desta forma haveria neste texto importante noção do surgimento do Eu que se daria por aquilo que Freud chama de “nova ação psíquica”. Esta etapa do narcisismo corresponderia a um momento de unificação das pulsões, que não seriam mais parciais, tais como nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, mas sim unificadas.

Partindo do estudo das psicoses pela teoria da libido o que Freud observa é que nesses casos haveria a retirada da libido das pessoas e coisas do mundo, diferentemente dos neuróticos que mesmo quando afastados da realidade, preservariam sua relação com pessoas e objetos na fantasia.

Para o destino da libido no caso das psicoses, esta foi redirecionada ao eu, dando origem ao narcisismo. Vejamos em Freud (1914):

Construímos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, do qual uma parte é depois repassada aos objetos, mas que essencialmente permanece retida no EU, e se relaciona com os investimentos de objetos da mesma maneira que o corpo de uma ameba com os pseudópodes que dela se lançam. (p. 37).

Há uma oposição em termos quantitativos aqui entre libido do eu e libido do objeto, quanto mais uma é investida, mais a outra fica empobrecida, tal como Freud nos diz sobre os estados em que a pessoa está apaixonada em que há uma espécie de “desistência de si” em prol do outro.

No entanto não foi apenas o estudo das psicoses que levou Freud a uma teorização diferente, desde o caso Schreber. Suas discordâncias com Jung, o levou a ampliar a sua teoria da libido, mantendo a sua origem como sexual.

Freud diz que o eu deve sim ser formado, que não está desde o início da vida do indivíduo “pronto”, mas que passaria por um processo de constituição. A base dessa constituição estaria justamente amparada pelos investimentos parciais postulados nos *Três Ensaio*s e que teriam como suporte das experiências o autoerotismo.

Ampliando a teoria da libido e a fim de explicar o narcisismo, Freud nos traz três vias para o entendimento deste conceito. São estes: a doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa entre os sexos.

Na primeira ele explica o recolhimento da libido quando um indivíduo está doente e que nesses casos a pessoa não se interessa por seus objetos amorosos, seria o conhecido egoísmo dos doentes. O caso da hipocondria seria semelhante em termos de retraimento da libido.

Sobre tais questionamentos, Freud (2014) ousa se perguntar: de onde vem a necessidade em “sair de si”, do próprio narcisismo em direção aos objetos?

A resposta que deriva de nossa linha de raciocínio seria, novamente, de que essa necessidade surge quando o investimento de libido no Eu ultrapassou determinada quantidade. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, afinal, deve-se começar a amar para não adoecer; e é inevitável adoecer, quando, devido à privação, não se pode amar. (p. 53).

A terceira via, a vida amorosa entre os sexos é dada por aquilo que Freud chama de caminhos para a escolha objetal, distinguindo a forma de amar segundo o modelo *narcísico* e o modelo de *apoio*.

No primeiro caso, a pessoa ama seu objeto segundo o que ela mesma é, o que ela mesma foi, o que ela mesma gostaria de ser, a pessoa que foi parte dela mesma.

No segundo caso, por apoio, a pessoa ama a mulher que o nutre ou o homem que a protege.

Se é a partir das vivências de satisfação que o indivíduo toma seus objetos sexuais, isto significa dizer que há um modelo prévio na história de cada um. Freud

(2014) nos diz que as primeiras satisfações autoeróticas são experimentadas em conexão com as funções vitais a serviço da autoconservação.

É desta maneira que se explica que são esses objetos primordiais (pais ou cuidadores) que servirão de apoio para inicialmente a autoconservação do indivíduo, mas posteriormente servirão para escolha sexual.

Ao final do capítulo dois deste texto, ao delinear o narcisismo primário, este como uma fase entre o autoerotismo e investimentos objetais, Freud nos esclarece que sua origem estaria no próprio narcisismo dos pais que é investido na criança a partir do que chama *His Majesty the baby*.

Entendemos que o narcisismo seria o próprio investimento libidinal dos pais na criança, dotados de uma superestimação, atribuindo perfeição de valor, negando-lhe a existência da sexualidade e denegando a existência das vicissitudes da vida tais como morte, doença, renúncia ou qualquer restrição.

Significa dizer que há uma fase em todo o humano em que o eu ganha o caráter de imortal, no qual não está sujeito às restrições, frustrações ou as regras da civilização. Ele é “tudo” e passa a ser a projeção de todos os feitos que os pais gostariam de realizar em si mesmos.

Todavia é apenas no capítulo três deste texto que conseguimos chegar mais próximos daquilo que futuramente Freud nomeará como supereu. Isto porque este conceito que buscamos delinear, se apresenta desde o início, como uma gradação do eu na psicanálise. Freud (1914):

Aprendemos que as noções pulsionais libidinais sofrem o destino do recalque orgânico patogênico, quando entram em conflito com as ideias culturais e éticas do indivíduo. De modo algum se deve entender que a pessoa em questão tenha um simples conhecimento intelectual da existência de tais ideias, mas que ela as reconhece como parâmetros fundamentais para si próprio, e que se submeta às exigências que dela partem. O recalque, como dissemos, provém do Eu; podemos precisar: provém da autoavaliação do Eu. (p.67).

Para justificar qual o fator condicionante do recalque Freud utiliza o termo ideal de eu ao qual o eu real se mede, sendo este o fator decisivo para o recalque ocorrer ou não. Nesse sentido entende-se que é aí em que o Eu sofre uma certa gradação, ou divisão e que muitos autores entenderão como o gérmen do supereu.

Dallazen (2010) nos ajudou a pensar sobre este momento do ideal de eu. O momento de investimento narcísico onde o bebê é o próprio ideal, e que se desloca para o ideal de eu.

A isso Freud nomeia de ego ideal, designação que raramente aparecerá novamente na obra do autor. Porém, esse breve momento de ocupar um lugar de ego ideal no qual o sujeito vive uma satisfação libidinal intensa não é de pronto abandonado pelo bebê. Freud nos avisa que quando a libido está envolvida, o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que já desfrutou em outros momentos. (p.58).

Desta forma o que o indivíduo projeta como seu ideal é justamente o substituto de seu narcisismo da infância, que de certa forma se mantém, quando ele mesmo era seu próprio ideal.

Isso o leva a distinguir o processo de ideal de eu do mecanismo de sublimação. A sublimação estaria vinculada ao objeto, sendo um desvio da meta sexual. Já o ideal de eu terá relação com o eu, favorecendo o recalque, assegurando a satisfação narcísica, observando o eu.

Essa avaliação do ideal de eu sobre o eu, Freud compara com aquela voz que diz em *terceira pessoa*, tal como ocorre no delírio de ser observado. Neste ponto a formação do ideal de eu aparece vinculado à consciência moral, provinda da voz crítica dos pais, educadores e sociedade.

Ideal de eu parece ter forte vinculação à crítica dos pais, educadores e que servirão de norte para o comportamento da pessoa, bem como para o estabelecimento de seus ideais.

Dallazen (2010), sobre a definição de Laplanche e Pontalis da noção de ideal de eu, nos diz que a dificuldade em encontramos na noção de ideal de eu é que ela está fortemente atrelada à elaboração da noção de supereu, que só será finalmente teorizada em 1923, na ideia de um censor em relação ao eu.

Por enquanto é importante ao nosso estudo compreender que a reformulação da noção de eu traz o modelo de pulsões sexuais versus pulsões do eu, que o narcisismo tem íntima relação com os ideais de perfeição e que há satisfação provocada para a realização desse ideal.

c. Os que fracassam no triunfo: repetição e pulsão de morte.

Em *Alguns Tipos de Caráter Encontrados na Prática Psicanalítica* (1916) Freud aborda dois textos que achamos importante incluir neste estudo a fim de avançarmos na investigação da noção de supereu.

Trata-se daqueles que fracassam diante de um triunfo e da relação entre os atos criminosos e o sentimento de culpa.

O que temos até esse momento na teoria psicanalítica é o conflito explicado em termos de desejos libidinais que por várias razões não podem ser satisfeitos, seja pelas exigências do eu que incluem suas articulações, ora com as imposições do ideal ora com a satisfação dos desejos pulsionais.

Mas como explicar, pela experiência clínica, aquelas pessoas que adoecem justamente diante de um triunfo, de um desejo há muito tempo alimentado e que se torna real?

Freud questionará a relação entre o sucesso e a doença. Para formular suas hipóteses, ele nos traz dois casos clínicos e dois personagens presentes nas obras de outros dois escritores: lady Macbeth de Shakespeare e Rebecca Gamvick, uma peça do dramaturgo norueguês Ibsen.

No primeiro caso clínico nos é contado sobre uma moça aventureira com muita vontade de viver, que, em determinado momento da vida, conhece um jovem artista, que pretendia tomá-la como esposa. Ela começa a adoecer, sentindo-se perseguida pela família do rapaz que a acolhera, sendo também acometida de um ciúme patológico.

No segundo caso clínico, Freud (1916) narra a história de um jovem professor universitário que por muitos anos tinha o desejo de suceder a cátedra de seu mestre, que o havia iniciado na ciência. Quando na iminência em ocupar tal posição, o jovem começa a hesitar, declarando-se indigno e sucumbindo à melancolia.

O trabalho analítico nos mostra, com facilidade, que são as forças da consciência que impedem o indivíduo de retirar, da feliz modificação real, o proveito longamente ansiado. Mas é tarefa difícil averiguar a natureza e a origem dessas tendências julgadoras e punitivas, que nos espantam com a sua existência, ali onde não esperávamos encontrá-las. (p. 263).

O personagem de lady Macabeth, de Shakespeare é outro exemplo de quem sucumbe após o êxito. Nela, não é observada, durante a peça, nenhuma hesitação

diante da ambição em que seu esposo se tornasse rei, mesmo diante do assassinato de Duncan.

Nessa leitura freudiana, o arrependimento sobre o assassinato parece surgir depois do ato já que antes do crime, lady Macbeth não parecia ser invadida pelo sentimento de culpa.

Freud (1916) não chega a uma conclusão sobre as motivações psicológicas de lady Macbeth, mas faz alusão que a tragédia dos personagens fosse, tal como uma justiça poética, baseada na lei do talião e que a esterilidade de lady Macbeth fosse uma espécie de castigo por seus crimes, contra a santidade de geração, ela mesma é infértil.

Desse modo, realiza-se nela o que ele havia receado na angústia de sua consciência; ela vem a ser o arrependimento após o crime, e ele, o consolo; juntos eles esgotam as possibilidades de reação ao ato, como duas partes desunidas de uma só individualidade psíquica e talvez cópias de um só modelo. (p.273).

Já na crônica de Ibsen, Rebecca Gambick é filha de uma parteira que foi adotada pelo dr. West. Torna-se uma pensadora, livre dos estigmas religiosos. Depois da morte de seu pai, ela é acolhida por uma família, os Rosmersholm. Nessa família moram o casal Johannes Rosmer e Beate, que não têm filhos.

Rebecca, tomada por amor por Rosmer decide afastar sua esposa dele, convencendo-a que o motivo de não ter filhos devia-se a ela mesma, que a procriação era o verdadeiro motivo do casamento, o que leva ao ato de suicídio de Beate, atirando-se de uma ponte.

Após o plano criminoso funcionar, Rosmer, depois de algum tempo, pede a Rebecca que se torne esposa dele. No entanto, o que se passa com Rebecca é que para ela tal união é impossível.

Ela passa a ser tomada por um sentimento de culpa que a impede em realizar seu objetivo anterior, casar-se com Rosner. Chega mesmo a relatar a verdade sobre sua conduta criminosa.

Eis que uma revelação lhe é feita pelo irmão de Beate, o personagem Kroll. Na intenção de humilhá-la, ele conta que sabe sobre sua ilegitimidade como filha do Dr. West e que era filha legítima de mesmo, fato este que Rebecca desconhecia.

A notícia de que o dr. West pode ser seu pai é o mais pesado golpe que poderia atingi-la, pois ela não era só a filha adotiva, mas também a amante daquele homem. (p.279).

É desse crime que se trata. Quando Rebecca fica sabendo dessa notícia, ela se entrega ao sentimento de culpa.

Em ambos os textos literários Freud parece examinar o que pode estar em jogo nesses atos sacrificiais demonstrados tanto na literatura quanto ao que ele observa na clínica.

O mito do complexo de Édipo e as duas premissas que se colocam nesse núcleo: o parricídio e o incesto são utilizados para a captação do que pode estar em jogo nas temáticas dessas criações literárias como também na experiência médica psicanalítica do Dr. Freud.

Essa temática do parricídio e da proibição do incesto está presente desde alguns anos antes, quando Freud escreve Totem e Tabu.

Nesta obra Freud se pautará na antropologia evolucionista dos cientistas da época, mas lhe atribuirá um novo sentido. São suas indagações acerca dos povos primitivos, mais precisamente os aborígenes que ele constata já estarem presentes sérias restrições às pulsões e a interdição rigorosa ao incesto.

A exogamia como lei universal da interdição do incesto fundaria, portanto, a cultura e seria justamente esse horror ao incesto que exige o recalque das pulsões. A lei serviria como uma proteção a um ato.

Da mesma forma nessa obra Freud abordará as leis do totemismo presentes nas culturas primitivas, tal como a lei de não matar o animal totem, servindo de alusão ao “*não matarás*”, presente no núcleo da neurose e de toda a temática edipiana.

No texto *Os criminosos por sentimento de culpa*, Freud (1916) continua a examinar os atravessamentos desse sentimento, especialmente naqueles que cometem ações ilícitas e questiona como tais atos estariam em relação com os sentimentos ambivalentes do complexo de Édipo.

É desta forma que ele nos explica que esses atos ilícitos (fraudes, incêndios, roubos) produziriam nos indivíduos um alívio psíquico, uma pressão que diminui já que a consciência de culpa estaria ali mesmo antes do delito.

A causa do sentimento de culpa é mais uma vez atribuída ao Complexo de Édipo e as relações ambivalentes com os primeiros objetos de cuidado que lançam sobre todos, afetos de amor e de ódio. Vejamos em Freud (1916):

O constante resultado do labor psicanalítico foi de que esse obscuro sentimento de culpa vem do Complexo de Édipo, é uma reação aos dois grandes intentos criminosos, matar o pai e ter relações sexuais com a mãe. Comparados a esses dois, os crimes perpetrados para fixar o sentimento de culpa constituíam, certamente, um alívio para os atormentados. (p. 285).

É bastante interessante pensarmos nessas afirmações freudianas, pois elas contêm as premissas de que o sujeito se sente culpado não pelo ato em si mas pela cena no interior de sua fantasia e de como as disposições libidinais podem retornar ao sujeito, mais especificamente o ódio e a agressividade personificadas naquilo que será o supereu.

Mas avancemos um pouco mais.

No relato autêntico da experiência de Primo Levi (1988) em *É isto um homem*, o horror da vivência em campos de concentração nos é apresentado por diversos depoimentos de um indivíduo que sobreviveu ao hediondo.

Levado à Auschwitz em 1944, Levi viveu e nos dá um testemunho de uma tragédia que deveria ser entendida em termos amplos, como sinal de perigo, e que tais relatos poderiam fornecer elementos para pensar a alma humana tal como o autor nos conta em seu diário.

Do horror contado por Primo Levi, refletimos sobre os indivíduos que nos procuram na clínica, bem como todos os *tormentos* que aparecem nos choros frequentes, nos relatos de automutilação, nas tentativas fracassadas de suicídios, nas batidas de cabeça contra a parede e tantas outras manifestações de um grito desesperado por ajuda.

Nessa escuta livre a que se dedica a pessoa que nos endereça algum pedido de socorro identificamos algo que se repete de diferentes formas nas falas dos pacientes: o horror.

O horror aparece no temor agudo em envelhecer e não ser amada/o, o horror da solidão e do abandono, o horror em estar fora do circuito do trabalho. Escutamos do horror em não ser perfeita/o, em decepcionar aqueles que se ama. O horror em não ser ou não ter algo, virar resto e objeto do outro.

Esse horror aparece na fala de quem não pode decepcionar, de quem se sente “presa/o” em um casamento falido, em quem deseja fazer algo por si mesmo mas que acha difícil saber por onde ou como começar a ouvir a própria voz.

Essas vozes que aparecem no consultório me fizeram pensar em Primo Levi. Há um certo horror que não encontra palavras, que atravessa os corpos e se manifesta no puro sofrimento. Para mim foi daí que a temática do supereu ganhou desejo de investigação.

A psicanálise passou por um giro teórico importante em 1920 e é a partir das observações das neuroses traumáticas de guerra (ainda nos tempos da primeira) que Freud constitui um novo paradigma para pensar a teoria.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud discorre sobre a primazia deste princípio na psicanálise e de como essa premissa, concebida pelas disposições econômicas no psiquismo, vai dizendo sobre a experiência clínica.

É a partir das neuroses de guerra ou traumáticas, em que o sujeito é submetido ao terror e, portanto, à surpresa de um acontecimento vindo de fora que Freud vai distinguir angústia e medo. Mas são os sonhos que se repetem nessas pessoas que vivenciaram a guerra que se tornam incompreensíveis.

Uma pessoa que vivencia o horror de uma guerra não desejaria esquecer tal experiência? O que se coloca como fixação no trauma e que desencadeia toda a espécie de enfermidades a posteriori? O que se repete nos sonhos como conteúdo e porquê?

Para explicar tais fenômenos, Freud se utiliza do estudo das brincadeiras das crianças nos dizendo que o jogo seria uma experiência de ganho de prazer, mas não só isso. É das observações do seu neto que na ausência da mãe joga seu carretel acompanhado pelas palavras “fort” (foi embora) e “da” (aqui) que fariam alusão ao desaparecimento e aparecimento da mãe.

O jogo seria equiparado por Freud a conquista cultural da criança, em que ela permite a ausência do objeto, renuncia a satisfação pulsional suportando o distanciamento materno e, atingida por essa vivência, a criança passa a ser ativa na situação e não mais passiva.

Entendemos que esse é um elemento de extrema importância na obra, pois nos fala de uma certa simbolização do indivíduo em que ele não é mais objeto

daquilo que o atravessa, mas sim sujeito ativo do processo e da contingência externa.

No entanto, quanto mais Freud avança nessa obra, mais ele se aproxima do que será nomeado como pulsão de morte e futuramente atrelada a instância do supereu.

Um pouco antes deste trabalho, Freud escreveu em 1915 *Luto e Melancolia*. No trabalho de elucidar e diferenciar esses dois processos, Freud nos dá algumas pistas do que viria a ser o supereu.

Desde o texto *Introdução ao Narcisismo* a instância do Eu passa a ser ela mesma fonte das pulsões sexuais que se dirigem aos objetos ou ao próprio Eu. Desde essa obra é compreendido que o Eu não pode ser mais a instância que opera a repressão, o que cria certo impasse na obra freudiana tal como nos diz Mezan (2014).

Em *Luto e Melancolia* Freud investiga sobre como operam os processos de apego excessivo ao objeto chegando a dizer o quanto é difícil ao ser humano abandonar uma posição libidinal, mantendo-se fixo em certos investimentos (pessoas, pátria, ideais por exemplo).

Identificamos nesse texto como, no caso dos melancólicos, há um rebaixamento extremo da autoestima, em que os indivíduos são tomados de remorsos, autorecriminações, vergonha, autodepreciações e fortes julgamentos internos. A excessiva crítica do melancólico também está atribuída à instância do Eu mas algo começa a se fazer questão para Freud (1915):

Vemos como uma parte do Eu se contrapõe a outra, faz dela uma avaliação crítica, toma-a por objeto, digamos. Nossa suspeita de que a instância crítica aí dissociada do Eu poderia, em outras condições, demonstrar também sua autonomia, será confirmada em toda observação posterior. Realmente encontramos motivo para separar essa instância do resto do Eu. Aqui travamos conhecimento com a instância habitualmente chamada de consciência moral; (p. 178).

Acreditamos que essa citação é fundamental, pois se aqui Freud começa a localizar a instância moral próxima ao que seria uma certa gradação do Eu, ele nos diz que essa relação é permeada pela fixação libidinal e pela relação que se estabeleceu com objetos investidos nos tempos infantis.

A partir da obra *Além do Princípio do Prazer* (1920), fica claro que para Freud a concepção econômica e dinâmica da teoria das pulsões (pulsões do eu versus pulsões sexuais) não satisfaz a experiência clínica e parece pouco para explicar o sofrimento, tal como ocorre nas neuroses de guerra.

Segundo suas hipóteses, Freud não rejeita essa oposição, mas entende que esta deveria ser tomada não somente do ponto de vista quantitativo mas também do ponto de vista topológico.

As pulsões do eu estariam ligadas à pulsão de morte, desligamento dos objetos do mundo e pulsões sexuais estariam ligadas à pulsão de vida. Essa dualidade distingue as concepções freudianas da teoria monista da libido em Jung.

Freud questiona aqui a compulsão à repetição, tal como nas neuroses de guerra, como procuramos ilustrar nos relatos de Primo Levi. Se a guerra é uma atmosfera do horror e daquilo que se buscava “esquecer”, por que Primo Levi se dedica a uma obra, um diário, a fim de retornar às suas vivências tão dolorosas?

Qual a força da pulsão de morte, representada pela instância topológica do supereu e que incide sobre as mulheres na atualidade?

Podemos entender essa instância como o avesso do desejo?

d. A segunda tópica é formulada: os paradoxos dos processos de identificação e mal-estar na cultura: os imperativos do Supereu.

Na leitura do artigo de Daibert (2012) pudemos avançar um pouco mais sobre o conceito de supereu e como este foi alvo de grandes desavenças entre os psicanalistas pós freudianos, tal como as controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein.

O conceito de supereu surgiu formalmente na investigação psicanalítica somente em 1923 e foi atrelado por Freud à noção de pulsão de morte, dando continuidade às reflexões que iniciou em *Mais Além do Princípio do Prazer* (1920).

Daibert (2012) nos aponta para o fato de que alguns psicanalistas que seguiram suas pesquisas a partir do trabalho de Freud, não estiveram de acordo quanto a articulação entre pulsão de morte e supereu, tal como os trabalhos de Anna Freud.

O conceito de supereu é de suma importância, pois revela a autodestrutividade dos indivíduos e, portanto, de todo o mal-estar que os psicanalistas se deparam em seus consultórios pelo sofrimento que é contado pelos pacientes.

Vejamos em Daibert (2012):

O supereu só pôde ser nomeado como uma instância após a elaboração dos conceitos de pulsão de morte e compulsão à repetição, em 1920. O caráter feroz dessa instância só poderia ser trabalhado após o avanço da psicanálise na desvinculação entre satisfação pulsional e prazer. Ou seja, poderia haver satisfação no sofrimento. As impressões de Freud com a Primeira Guerra Mundial fizeram-no vivenciar a violência e o sofrimentos humanos e dar lugar teórico à pulsão destrutiva e sua repetição. (p. 582).

Se até aqui falamos da presença da moralidade como determinante nos padecimentos psíquicos, a causa desta ainda não estava muito clara até 1923. Daibert (2012) explana que já no Rascunho N (1897) Freud se refere ao tema a partir da hostilidade dirigida aos pais.

Os sentimentos ambivalentes de ternura e hostilidade, tal como será mais explorado quando Freud aborda o Complexo de Édipo, seriam a base do conflito, já que neste caso a hostilidade, ao não poder ser dirigida ao objeto, se voltaria contra o Eu.

Ao abordarmos em um de nossos capítulos o surgimento do Eu, retomamos alguns conceitos do texto *Introdução ao Narcisismo* que são fundamentais. O supereu já estava ali presente quando Freud escreve que o Eu se mede pela instância do ideal de eu.

Essa instância seria como um “vigia” que observa o Eu e que o preserva em seu lugar narcísico, como objeto que foi de amor dos pais, cuidadores, professores, tal como *His Majesty, the baby*.

É preciso entender melhor como a criança, no momento do Complexo de Édipo será atravessada por estes ideais e como o mesmo pode vir a se tornar um imperativo no interior do psiquismo gerando sofrimento, autosacrifícios e autorecriminações.

Mas talvez o mais importante aqui é refletir antes que uma parte da autoestima da criança e depois do adulto, se deu em seu narcisismo infantil, nesta

fase de onipotência que é confirmada pelo cumprimento do ideal em relação a uma terceira pessoa.

O que podemos começar a traçar a partir da construção do supereu é que este está fortemente vinculado as noções de narcisismo, de ideal e renúncia pulsional.

Ambertín (2003) discute que a partir do nascimento da psicanálise já podemos notar o tríptico: parricídio, culpa e punição. Se estes padecimentos foram atrelados à consciência moral é porque em sua origem em relação ao trauma, há sempre a ambivalência e hostilidade para com os pais. Pp. 29

Fenômenos clínicos que antecipam uma instância que extravasa a hostilidade parricida em diferentes modos: culpa consciente e compaixão na obsessão; castigo vitimado na histeria; hiper-recriminações na melancolia e delírio de perseguição na paranoia. Em todos eles a punição é o saldo do anseio parricida que adota distintas alegações. (p.34).

Sobre as punições e a consciência de culpa tentamos explorar no capítulo sobre aqueles que fracassam diante de um triunfo. A explicação que Freud nos dá é sempre relacionada ao parricídio e pela ambivalência dos afetos presentes no momento de constituição do sujeito.

Todo o processo de formação do psiquismo está, portanto, intimamente atrelado a uma operação de repressão das pulsões, do recalque no caso da neurose, mas este não se dá sem vestígios, sem restos. O preço a pagar por essa renúncia seria justamente o que configuraria a instância do supereu.

É interessante pensar que essa ideia já está presente desde o *Projeto para uma Psicologia Científica*. Encontramos nessa obra, tal como nos revela Ambertín (2003) que o desamparo inicial do ser humano seria a fonte primordial dos motivos morais. São justamente o desamparo e a busca de reconhecimento que colocam o indivíduo à mercê do outro que cuida dele e de quem espera algo “grandioso”.

Foram necessários vários anos e trabalhos (desde “O ego e o id” até “O mal-estar na civilização”) para Freud reconhecer que linguagem, desamparo e dependência configuram a base do supereu, que, como alheio, está excluído, mas dentro da praça central do sujeito, como sua mais íntima exterioridade. (p. 39).

É no capítulo III do texto *O Eu e o Id (1923)* que pudemos nos debruçar sobre as especificidades da noção do supereu. Freud alude que o que apresentou em outros trabalhos a respeito de uma gradação do Eu que seria o “ideal de eu” ou

“Super-eu” seria mantida. No entanto a novidade é que essa instância não estaria tão ligada à consciência, mas sim ao inconsciente.

Vejamos em Freud (1923)

Isso nos leva de volta à origem do ideal de Eu, pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação com o indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. (p.39).

Mais à frente Freud elucida que a complexidade dessa origem estaria no Complexo de Édipo e na bissexualidade constitucional do indivíduo, havendo duas identificações nesse processo.

No caso do menino tudo se passa ainda muito cedo no investimento libidinal com a mãe e pelo objeto seio que constitui o protótipo para uma escolha de objeto, já o pai ele incorpora o mesmo pelo processo de identificação.

Freud (1923) nos diz que inicialmente esses processos acontecem ao mesmo tempo, mas que na entrada do Complexo de Édipo e as intensificações dos desejos sexuais, o pai é considerado como um obstáculo para seus desejos e a identificação com o mesmo assume um tom hostil, ambivalente.

Eis o paradoxo dos processos de identificação e de formação do psiquismo. O desenlace da situação edípica que pode ser em direção ao pai ou à mãe (não importando o gênero masculino ou feminino), vai depender, portanto da bissexualidade e de como cada um construirá um modelo para sua identificação subjetiva e para sua escolha de objeto sexual.

O gérmen da ambivalência seria a bissexualidade já que o menino pode tomar o pai a partir dos sentimentos de amor e ódio, mas também a mãe, que antes fora objeto de ternura, podendo ser alvo de ciúme e hostilidade pois o menino também nutre amor ao pai.

No entanto, Freud (1923) vai mais além:

Mas o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais no Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você deve ser”; ele compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele. (p.43)

A existência do Supereu se dá por essa reviravolta ao final do Complexo de Édipo. Desta forma a gênese desta instância é atribuída ao longo desamparo e dependência do indivíduo dos cuidados externos (na maioria das vezes os pais) mas também ao desenvolvimento da libido e da vida sexual entre os humanos.

Se é herdeiro desta fase do desfecho edipiano, ele representa nossa relação com os pais ou cuidadores, aqueles que participaram da educação e inserção no mundo da cultura. Os impulsos presentes nesta fase são representantes do Id, tal como o Supereu.

Grosso modo o Eu representa a realidade, o mundo externo, estando mais próximo da consciência. Já o Supereu como herdeiro, confronta o Eu como advogado do mundo interno, tal como explanado por Freud em 1923.

Desta forma essa instância ligada ao ideal e que teve seu princípio na fase do narcisismo representa as aspirações mais elevadas do ser humano. O juízo acerca da própria insuficiência do eu em relação ao supereu e as tensões geradas entre as expectativas do ideal e as realizações do Eu, provocam o sentimento de culpa.

Tais pressupostos freudianos nós tentamos traçar desde o início em *Estudos Sobre a Histeria*. Isto porque o grande paradoxo do corpo histérico era justamente anunciar aquilo que no interior do psiquismo aparecia como contradição.

Os ditames morais da época, eram transmitidos através do processo de educação e, portanto, da forma como o corpo das jovens mulheres oitocentistas eram libidinizados, isto é codificado como prazer ou desprazer através da linguagem.

Haveria algo da ordem do que é prazer ou desprazer que passa por um processo de construção a partir dos códigos da cultura pela linguagem. Corpo e linguagem estão articulados e o saldo desta operação na fase edipiana seria o Supereu.

Esses processos que ocorrem no psiquismo, Freud nos dirá que também ocorrem nos fenômenos sociais, tais como na religião, na moral e no sentimento social.

Estes tiveram origem no totemismo e terão continuidade na obra do *Mal-Estar na Civilização*, onde também operam identificações entre os membros e a eleição de um ideal, personificado na figura do líder.

No entanto, antes de avançarmos para os processos que aparecem na cultura, Freud opera um importante giro ainda nesta obra de 1923. Com base em reflexões postula o Eros, pulsão de vida, como um princípio ligado às pulsões sexuais e às de autoconservação que antes estavam em oposição.

Do outro lado ele postula a pulsão de morte ou Thanatos cuja tarefa seria voltar a um estado anterior dos organismos vivos. Este princípio estaria relacionado à disjunção, separação.

Berta (2015) nos permite compreender que a linha argumentativa de Freud a respeito da pulsão de morte, formulada na segunda tópica, propiciou também avançar na proposta da teoria da angústia.

O marco das reflexões sobre as neuroses de guerra e traumáticas, em que o Eu já não dá conta em barrar ou proteger dos fatores externos (o horror da experiência da guerra), conflui nas relações entre angústia e trauma.

Berta (2015) nos elucida que os sonhos traumáticos estariam a serviço de promover angústia, já que a esta se define como expectativa perante o perigo. Ela nos diz que se antes não foi possível a proteção, o sonho é responsável de ligar a energia e catexizar a experiência.

Os sonhos buscariam recuperar esse domínio (Bewältigung) sobre os estímulos produzindo angústia. Todavia, esses sonhos responderiam – do mesmo modo que os sonhos que nos remontam aos traumas psíquicos infantis – à reprodução mitigada do trauma. Eles não são realização de um desejo, estão inscritos no poder da compulsão à repetição. Algo que se figura “além do princípio do prazer. (p.144).

Assim a repetição como recordação, fator que trabalhamos no processo analítico, seria essa tentativa de ligar o afeto à representação, o que seria diferente da compulsão à repetição que pode se manifestar como tendências masoquistas, personificadas no sofrimento e de origem superegóica.

O que se apresenta na formulação da segunda tópica são as instâncias do Id, Eu e Supereu em que Freud fará uma ampla reflexão de como as pulsões de morte desempenham seu papel tanto nas neuroses como também nas psicoses.

Mas como compreender a ferocidade do Supereu? Berta (2015) nos ajudou a pensar que após a segunda tópica a própria teoria da angústia fora reformulada. Em 1926 em *Inibições, Sintomas e Angústia*, Freud dirá que a angústia não é resposta ao recalque, mas causa do recalque.

É a angústia em reação à perda do objeto, tal como na angústia de castração que constitui o medo em sermos separados de um objeto de alto valor afetivo, é a angústia em repetir uma situação de desamparo e perigo. Ressalta-se a angústia em seu valor econômico.

Se a instância do Eu é aquela mais próxima do sistema Percepto-Consciente e que deve lidar com os perigos internos e externos, o Supereu tal como diz Freud (1923), acha-se constantemente próximo do Id e o representa diante do Eu. O Eu se submete aos imperativos categóricos do Supereu.

Desta forma, as manifestações de sofrimento que se opõem ao tratamento dos pacientes, tal como a reação terapêutica negativa, exemplificam o que muitas pessoas manifestam quando ficam “fixadas” em seus sintomas ou doenças. Esse apego à doença ou esse obstáculo ao tratamento Freud (1923) atrela ao fator moral e ao Supereu.

Afinal chegamos a perceber que se trata de um fator “moral”, digamos, de um sentimento de culpa que encontra satisfação no fato de estar doente e não deseja renunciar ao castigo de sofrer. A essa explicação nada confortadora podemos nos ater em definitivo. Mas este sentimento de culpa permanece mudo para o doente, não lhe diz que é culpado; ele não se sente culpado, mas doente. (p.62).

Tais explicações são importantes para seguirmos com nossas reflexões neste trabalho, de como os imperativos podem ser ferozes no campo do que aqui chamamos do feminino. Qual a moral ou discurso vigente que pode produzir sofrimento das mulheres da atualidade?

Grosso modo o que compreendemos destas reflexões freudianas é que todo o processo de identificação e constituição psíquica por qual passam os humanos é também de renúncia pulsional. Toda identificação tem o caráter de uma dessexualização ou sublimação e como Freud (1923) esclarece:

o componente erótico não tem mais força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. Dessa disjunção o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso. Ter que”. (p. 69).

Lembremos aqui do filme *Whiplash – Em busca da perfeição* (2014), em que um jovem estudante de bateria em bandas de jazz é submetido a métodos rigorosos

de estudo por seu professor, sucumbindo seus sonhos e ideais a uma série de obsessões e autopunições.

Toda a punição e ferocidade superegóica é bem exposta nesta obra, é perceptível o composto e misto de agressividade libidinal daquele que sofre por ter como orientação imperiosos ideais ofertados pela figura do líder, seu professor de música.

A dependência do Eu diante do Supereu é implacável em alguns casos. E se o que trabalhamos na psicanálise é a realidade psíquica, a angústia da consciência moral, pode ser apreendida como a forma em que cada um viveu sua angústia de castração.

Em o *Mal-Estar na Civilização* Freud (1930) tentará responder como o indivíduo age diante da massa. Os processos de identificação serão transportados não só nas operações individuais de constituição, mas também como um fenômeno das massas.

A ambivalência dos sentimentos, a regressão a um estado anterior e toda a figura do líder, serão processos presentes e que constituiriam certa inibição de pensamentos (quando o sujeito está na massa) e aumento da afetividade entre os membros.

Se é pela via da linguagem que aquilo que é tomado como ideal do campo social que atravessa os indivíduos, é preciso pensar o que está sendo transmitido por essa cultura às mulheres do nosso tempo.

Safatle (2012) nos ajuda nesta reflexão:

O interesse da psicanálise nesse ponto vem do fato de ela partir do reconhecimento do caráter restritivo das determinações identitárias. Ela reconhece que podemos sofrer não apenas devido à incapacidade de sermos um indivíduo, por não alcançarmos a realização bem-sucedida de processos de socialização e individuação. Podemos sofrer por sermos apenas um indivíduo, por estarmos aferrados compulsivamente ao Eu. Para compreendermos esse ponto, basta estarmos atentos ao conceito psicanalítico de pulsão de morte em sua relação que ao que a sexualidade pode nos mostrar. Feito isso, poderemos mostrar como a teoria das pulsões serve de fundamentação às estratégias de crítica à estrutura normativa do sujeito moral em sua tradição kantiana. (p. 122).

Isto nos revela que os processos de individuação estão imbricados aos de socialização por qual o operador seria a instância do Supereu. Este seria o radical impasse ontológico exposto na obra de Freud, tal como diz Safatle. (2012).

Retornando à Freud (1930) em *O Mal estar na Civilização*, o que leva o ser humano a se submeter à influência externa teria íntima relação com a angústia ao desamparo e sua dependência dos outros, ou seja, a perda de amor.

Tal como a criança em relação ao pai ou ambos os pais, nos adultos há uma relação com a sociedade ou a cultura. Freud nos dirá mais uma vez que as origens do sentimento de culpa estão no medo da autoridade dos pais e medo ante ao Supereu já internalizado.

O sentimento de culpa, expressão do conflito de ambivalência, é manifestação da eterna luta entre a pulsão de vida e pulsão de morte. Pensamos aqui o quanto sociedades coercitivas podem produzir essa quota de agressividade que ao não ser dirigida para a realidade externa, pode voltar-se contra o Eu.

Esse conflito, nos dirá Freud aparece quando as pessoas vivem juntas, em comunidade, expresso na ligação das massas mediante o sentimento de culpa.

Eis que no capítulo VIII desta obra Freud (1930) situa o sentimento de culpa como o mais importante na cultura e o preço pelo progresso cultural é a perda da felicidade pelo aumento do sentimento de culpa inconsciente.

Dunker (2017) nos auxilia a pensar também sobre como o mal-estar muda com a civilização. Ele também reforçará que nossos modos de sofrer não são apenas reflexos da cultura, mas formas de responder ao que ela exige.

Os ditames da modernidade em mantermos a qualquer custo a imagem de felicidade, amparadas pelas redes sociais, pelas formas econômicas e políticas pelas quais somos atravessados, segundo Dunker (2017) nos colocam para fora de nós mesmos e na dificuldade em criarmos experiências de intimidade.

Se os sintomas histéricos, tal como concebemos no início deste trabalho, seriam a manifestação de um dizer do sofrimento das mulheres oitocentistas, pensemos que as formas sintomáticas e de mal-estar podem ser também um caminho para elucidação do desejo.

Se não há um único objeto que represente a pulsão, é também porque nós humanos, somos seres em constante desarranjo.

Para os tempos atuais faz-se novamente a necessidade em nos perguntarmos: para onde anda o tal desejo nas mulheres?

Capítulo II

a. Sobre o campo do feminino

Quando a paciente Anna O. inventa o nome “*talking cure*” (cura pela fala) e “chimney sweeping” (limpeza de chaminé) para sua experiência de tratamento, ela manifesta que não se trata apenas de liberar algo, mas também de instituir uma nova gramática para falar de seu desejo e, portanto, de algo que ainda não havia sido dito.

Postulamos anteriormente que as pacientes eram descritas por Freud como tendo “*dois Eus*”, significa dizer que a noção de conflito estava articulada a um impasse entre a sexualidade versus os ideais da moral rígida da época.

Entendemos que a releitura dos casos de histeria fora imprescindível, pois expressavam conflitos fundamentais da constituição singular da identidade de gêneros.

Safatle (2016) em sua releitura do caso Dora nos auxiliou bastante neste raciocínio. Pois é a partir do momento em que Freud escuta suas pacientes e lhes conduz a um falar sobre o sexual, isso modifica a forma com que tais mulheres dizem sobre suas experiências de desejo e do corpo.

Se o mecanismo de repressão produz aquilo que tenta evitar, representação e afetos se desconectam, isso produz um sintoma. A neurose é, portanto, um acontecimento que se produz no corpo.

Ao abrir-se a possibilidade de um dizer sobre si mesmas, essa experiência da psicanálise permite que algo de transforme no modo como as pacientes percebem a si mesmas.

Mas então é preciso avançarmos na investigação de como os processos de constituição pelas identificações do gênero masculino e do gênero feminino foram entendidos no núcleo da teoria psicanalítica.

Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* dirá que ninguém nasce mulher. A mulher não é uma fêmea, mas se constitui no psíquico e simbólico como mulher.

Como compreender essa afirmação pelos aportes teóricos oferecidos pela psicanálise? Haveria mudanças no interior do próprio entendimento psicanalítico quando falamos das mulheres oitocentistas e as mulheres da atualidade?

Segundo Estevão (2017), Freud sempre pareceu articular em sua obra a clínica e a cultura por meio do conceito do Complexo de Édipo. Tal conceito foi desenvolvido e modificado, no entanto junto a este, a hipótese da sexualidade aparece desde o início como fundamental para o entendimento da neurastenia.

É a partir do conceito da sexualidade que o de inconsciente e recalque podem ser compreendidos, compondo, portanto, um dos pilares da teoria psicanalítica. Para explicar a origem dos sintomas, a partir da impossibilidade de ab-reação de um afeto insuportável para a consciência, Estevão, (2017) nos aponta:

A consequência disso é que o afeto retorna a partir de uma formação simbólica, o sintoma, que aparece como retorno da lembrança recalcada. Toda essa construção teórica é chamada de teoria da defesa, focada no sintoma como efeito da defesa histérica em relação a reminiscência e afetos dolorosos. (p.39).

Estevão nos ajudou a compreender que foi a partir da escuta dos pacientes, sua autoanálise e a cultura que levaram Freud a postular junto com o avanço de sua teoria o mito de Édipo e, portanto, a compreensão dos laços inter-humanos.

A universalidade do mito do Édipo é, segundo Estevão, a percepção de Freud dos próprios sentimentos precoces hostis voltados para o pai e da afeição para a mãe. Reconhece isso na fala de seus pacientes e também da presença deste tema em várias culturas.

Posteriormente, ao longo da obra, a questão da fantasia e da realidade psíquica tornam-se a hipótese fundamental freudiana, como já expusemos neste trabalho. O mito do complexo de Édipo é o conceito que explicará a ambivalência dos afetos infantis que seriam a causa das psiconeuroses.

Mas não somente os afetos ambivalentes serão a fonte do impasse ontológico dado a partir da matriz do Complexo de Édipo. Há ainda a questão dos gêneros, ou seja, como nos constituímos na posição masculina ou feminina. E ainda como essas identificações são explicadas através do mito edipiano?

Podemos supor que haveria impasses vividos diferentemente entre aquele indivíduo identificado na posição masculina daquele da posição feminina?

Quais foram as contribuições de Freud às pacientes mulheres que lhe procuravam em consultório e quais os paradigmas teóricos que se deparou? Por que Freud foi alvo de tantas críticas das feministas que se dedicaram aos direitos das mulheres?

É sob esse patamar contraditório que se dedicou Joel Birman (2016) em seu livro *Gramáticas do Erotismo*. O autor se volta aos eixos constitutivos do discurso freudiano sobre a feminilidade, a partir das pesquisas acerca da diferença sexual.

Para o autor, as ambiguidades trazidas na leitura freudiana se devem ao fato de como a noção de diferença sexual foi construída naquele discurso.

Destaca-se aqui, de maneira eloquente, a figura do falo, operador teórico maior da diferença sexual. Ter ou não ter o falo, ou, então, ser ou não ser o falo se enunciaram como as aporias teóricas maiores que delinearam o campo matizado da diferença sexual”. (p.26).

O autor explana que essa noção da diferença sexual é algo que se constitui no imaginário cultural do Ocidente após a Revolução Francesa e que carregam, portanto, ideais igualitários constituídos na mesma.

Se antes da revolução a diferença entre os sexos era tomada por uma hierarquia, sendo prevalente o modelo masculino como ideal de perfeição, é só com a revolução francesa que se passa a considerar dois sexos.

É claro que esse modelo anterior marcava relações sociais e posições distintas entre mulheres e homens, tomando-os pelo modelo que Birman chama de *sexo único*. Neste as diferenças são explicadas a partir da naturalização, ou seja, definem-se identidades e papéis pela marca do biológico.

No entanto com a igualdade de direitos estabelecida pela Revolução Francesa surge um novo paradigma.

Assim, o novo paradigma da diferença sexual que se institui então como imperativo teceu-se pela reflexão e pela pesquisa, pela formulação do postulado da existência de uma diversidade radical de fundamentos sobre o ser do homem e o ser da mulher. (p.34).

É por essa via, somada aos imperativos da ciência e os “manuais de instrução”, que vão se constituindo um discurso sobre o que é ser mulher e ser homem.

No texto *Sobre a sexualidade feminina* de 1931 Freud explorará, a partir da bissexualidade e do Complexo de Édipo, como a menina passa para feminilidade e para o tornar-se mulher.

Para tanto ele oferece três saídas que explicariam o desligamento inicial do primeiro objeto, a mãe, em direção ao pai. Essa mudança de um objeto ao outro

seria para Freud a garantia de que a menina construiu uma resposta positiva para sua feminilidade.

Grosso modo a proibição da masturbação pela mãe para com a menina e a percepção da diferença entre os sexos seriam os motivos que levariam ao afastamento da mãe em direção ao pai.

No entanto, a percepção de que algo não lhe teria sido dado pela mãe e que, portanto, a tornaria “castrada”, faria com que a menina vivenciasse como uma espécie de afastamento de sua sexualidade e uma inibição que poderia perdurar na vida adulta. Essa seria a primeira resposta da menina.

A segunda seria o que Freud chamou de “complexo de masculinidade” e ao desejo de ter um pênis, o que parece ser compreendido por alguns autores como uma saída neurótica.

A terceira seria finalmente tomar o pai como objeto e o desejo em receber algo deste pai, seja o falo ou por deslocamento o bebê. Seria a saída da feminilidade dita normal.

Todo esse processo de construção de repostas para a feminilidade estaria baseado nos afetos de amor e ódio dirigidos para ambos os genitores e que seriam constitutivos a partir dos processos de identificação e da operação de recalque.

Estevão (2017) nos aponta para o fato de que o processo articulado ao Édipo pelo qual a criança pode abrir mão do objeto edípico ocorre pelo complexo de castração.

A questão é que a base do Complexo de Castração é o valor que o pênis possui para o indivíduo e o medo feroz – gerador da angústia de castração – de perdê-lo. À medida que o complexo de Castração ganha relevo, esse ponto fica mais sensível, pois vai tornando-se cada vez mais difícil manter a paridade entre o complexo de Édipo, masculino e feminino, mesmo porque é a visão do órgão feminino que dá um peso gigantesco à ameaça da castração. (p.252).

Ele nos elucida que é a partir da inveja do pênis (Penisneid) que marca a diferença entre o complexo de castração masculino e feminino. Mas também postula que na problemática da inveja do pênis reside a noção de um bissexualismo inicial tanto em homens como em mulheres com disposições masculinas ou femininas.

Desta forma toda a dissolução do complexo de Édipo feminino em Freud se dá em torno da feminilidade. Estevão (2017, p. 258) questiona “como a ameaça de

castração opera na menina, se ela não pode produzir efeito, já que não possui o órgão?”.

A resposta de Freud é que ela busca uma compensação na falta do órgão, que será o desejo de ter um bebê. Há um deslocamento entre pênis – bebê que faz a menina modificar seu desejo da mãe e voltar-se para o pai.

Estevão (2017) nos diz que é desse modo que Freud estabelece o complexo de Édipo positivo na menina, possibilitando que ela se identifique com a mãe e assuma a posição feminina.

Fica, no entanto, uma questão no ar, não resolvida, e que terá reflexos em outros textos. Se no homem é justamente a superação do complexo de Édipo através do complexo de castração o que possibilita o acesso à cultura, fazendo com que se constitua o Supereu, na menina essa elaboração fica ausente, pois, o complexo de Castração dá início ao complexo de Édipo. (p.262).

Desta forma o que Freud postulará é que o que sucede na menina é quase o oposto do que ocorre com no menino, em termos de saídas para se colocar na posição masculina ou feminina.

Se no caso das meninas, elas se afastam da ligação longa com a mãe, em direção ao pai, impulsionadas pelo complexo de castração, Freud dirá que não se sabe ao certo o motivo que levam as meninas a superar o complexo de Édipo. Vejamos em Freud (1933):

A menina permanece nele por tempo indefinido; desmonta-o tarde apenas, e mesmo então incompletamente. A formação do Super-eu tem de sofrer nessas circunstâncias, ele não pode alcançar a fortaleza e a independência que lhe dão a sua importância cultural – e as feministas não gostam quando apontamos os efeitos desse fator para o caráter feminino mediano. (p. 286).

É interessante notar que mais à frente Freud concluirá que para o enigma da feminilidade nem sempre é fácil distinguir entre a influência do sexual ou o que concerne a disciplina social.

Em relação ao complexo de castração, Freud aponta que haverá consequências disso: o fato da vivência infantil na menina afetar na escolha de objeto, o que pode levá-la a um modo narcísico de ser amada, a um sentimento de inferioridade e vivenciar questões como a vaidade física, o pudor de forma marcadamente diferente que nos homens.

Quais as consequências que tais formulações freudianas tiveram a partir desta perspectiva?

Recorremos a Birman (2016) mais uma vez para compreender que tais formulações, apesar de enunciarem uma nova gramática para se falar sobre o desejo das mulheres, não escapam dos pressupostos do paradigma moderno da diferença sexual.

Após os ideais da revolução francesa o modelo prevalente que surge, segundo este autor, é o da diferença sexual.

Tal modelo marcava muito bem as distinções entre o ser do homem e o ser da mulher a partir dos traços inscritos na estrutura de seus organismos.

É esse modelo da natureza biológica e da prevalência do discurso científico que nos expõem Kehl e Birman, que aparecem como paradigmas que Freud não conseguiu escapar. Vejamos em Birman (2016):

Assim, não obstante o fato de que para Freud as relações entre somático e o mental não eram de ordem mecânica e concebidas de maneira determinista, como no modelo oitocentista da diferença sexual, não resta dúvida de que o paradigma estava firmemente presente na teorização freudiana. (p.46).

Kehl (2008) também nos faz um interessante apontamento nesta via:

Ao mesmo tempo, Freud afirma que a separação da mãe constitui mais do que uma mudança no objeto amoroso – é a própria sexualidade que se transforma de masculina em feminina quando a menina, identificada agora com sua mãe, volta seu amor para o pai. Esta passagem aparentemente lógica no pensamento freudiano só se sustentaria sobre o pressuposto normatizador de que a masculinidade estivesse toda ao lado do pai (o qual, por sua vez, só investiria amor numa filha “perfeitamente” feminina) e a feminilidade toda do lado da mãe, de modo a que, separada dela e identificada a ela, a menina só pudesse se constituir como mulher feminina. (p.206).

A crítica de Kehl nos parece muito contundente ao marcar que a atividade fálica não está toda ao lado da mãe ou ao do pai e que, portanto, é preciso relativizar a relação entre sujeitos e os ideais de gênero pelos quais Freud também fora atravessado.

Concordamos com Birman quando nos diz que é a partir do discurso forjado de um determinado momento histórico e que nos tempos de Freud foi precisamente

este da diferença sexual, que tiveram como consequências marcas no imaginário ocidental.

Essas marcas imperavam em determinações rígidas das finalidades e inserções sociais que cabiam ao homem e a mulher, assimilando características típicas femininas ou masculinas.

Esse modelo, segundo o autor, aparece como um imperativo e incide sobre os registros corpóreo e moral de modo a marcar as subjetividades dos indivíduos.

b. Os imperativos imaginários da modernidade: do que sofrem as mulheres?

No texto sobre a Feminilidade, Freud propõe-se a investigar o enigma da feminilidade. Os conflitos associados as identidades de gênero parecem colocar os homens ao lado dos atributos fálicos e às mulheres a um impasse ligado à sua condição de castrada, não fálica.

No entanto Freud (1933) esclarece: “Mas nisso temos de atentar para não subestimar a influência da organização social, que igualmente empurra a mulher para situações passivas.” (p.268).

Há duas noções aqui a serem discutidas: a importância do complexo de castração que traz toda a temática da noção do falo e a influência da organização social no psiquismo.

Toda a tônica acerca da feminilidade aparece em Freud ao modo como ele associa o lugar da mulher a uma certa complementariedade em relação à posição masculina. Vimos que Freud não escapou às determinações de alguns dos discursos de sua época.

Nesse texto ele atribui às mulheres algumas características que as descrevem associadas a um certo enigma, marcada por características passivas, menos agressivas, dóceis e dependentes.

Kehl (2008) ao discutir as teses freudianas sobre o feminino aponta para uma reflexão importante dizendo que o modelo usado no tratamento da histeria, parece não mais servir de horizonte de compreensão aos impasses clínicos que encontramos hoje nas mensagens das mulheres.

Sua argumentação gira em torno do fato de que a cultura europeia dos tempos que Freud viveu produziu uma série de discursos que marcavam o ser da mulher, da feminilidade e, portanto, um conjunto de ideais que as caracterizavam a partir da anatomia e seus dilemas.

Haveria um “destino” que cabia às mulheres da época e este estaria associado ao que Freud atribuiu a saída positiva para tornar-se mulher, ao qual seu ápice seria a maternidade. Tornar-se mãe um dia seria a felicidade e a resposta à problemática edipiana.

Às mulheres lhes cabia o espaço privado, dos cuidados do lar, dos filhos, restringindo-se ao universo familiar e, portanto, fora do espaço público. Ao serem limitadas de outros destinos pulsionais e outras formas de sublimação, elas sofriam da possibilidade de escolherem a partir de seus desejos inconscientes e singulares.

Provavelmente por essa razão que Freud entende, através do complexo de Édipo e da ausência do medo de castração (já que a menina se supõe castrada) que ele identificará o Supereu nestes casos como menos severo, fato que lhe rendeu críticas.

Desta forma, destacamos que Freud foi bastante engenhoso quando nos diz que o psiquismo é sexual. Ele escuta o discurso histórico e institui uma nova gramática para falar sobre o ser da mulher, ainda que lhe tenha escapado que outros destinos poderiam ser possíveis e até mais sublimatórios.

No entanto, mudanças e conquistas foram realizadas pelas mulheres ao longo do século XX e XXI. Birman em uma conferência realizada no CEP (2017)¹ nos aponta três revoluções que foram notadamente fundamentais para modificações de valores no discurso sobre o feminino.

A primeira seria o surgimento dos anticoncepcionais que aparecem nos anos sessenta e fora princípio da revolução feminista. O uso desses medicamentos alteraria radicalmente a mudança entre o tempo do desejo e o tempo da reprodução.

A revolução feminista expõe a transformação dos costumes e da moda, o corpo da mulher passa a ocupar os espaços sociais e isso terá grande impacto na lógica de uma ideia sobre o ser da mulher.

¹ Evento Sexo, Gênero e Desejo. Outorgado pelo Centro de Estudos Psicanalíticos. Docente: Joel Birman. 2017.

A segunda revolução que o autor aponta seria a dos gays e lésbicas, já que os mesmos, antes assolados pela culpa em relação ao próprio desejo erótico, deixam de ocupar o lugar de degenerados e perversos.

A terceira revolução seria o movimento transexual em que se passa a recusa da condição de gênero imbricada ao corpo, fato este que seria uma transgressão em relação ao imperativo da natureza e da condição de gênero.

Quanto a esses temas atualmente discute-se muito sobre a relevância da questão dos gêneros nas identidades e sua articulação à constituição psíquica de cada um.

Enquanto a psicanálise tradicional irá tomar a condição feminina e masculina com suas consequências psíquicas, a partir do complexo de Édipo e do complexo de castração, tais revoluções parecem postular um novo paradigma do engendramento tomado pela relação entre gênero e psiquismo.

Ainda no modelo da psicanálise tradicional, Jacques Lacan propõe uma releitura do complexo de Édipo freudiano e vai além ao trazer a noção do falo como um operador simbólico.

Ele parte da ideia de um quarto elemento no complexo de Édipo, o falo, que seria um operador estruturante do psiquismo, mas que não seria o equivalente ao pênis e sim um regulador no centro das relações afetivas.

Nossa intenção não seria aprofundar na teoria de Lacan, mas sim postular que já aí encontramos uma diferença nesta leitura, na perspectiva de que o falo, como objeto simbólico, é o que circula entre o Eu e o desejo do outro, permitindo que a criança codifique este desejo e, portanto, se aliene ao Outro no início de sua vida.

Tanto as postulações freudianas como lacanianas apresentam ideias semelhantes. O que se trata na vida infantil e que marcará a personalidade é justamente a identificação a um tipo ideal de seu sexo.

Rabinovich (1995) esclarece:

o falo, portanto, permite a instalação do sujeito numa determinada posição como sujeito do inconsciente, ou seja, com S barrado, que possibilita sua identificação, a partir dessa posição subjetiva, com o tipo ideal de seu sexo. (p.11).

E mais:

em relação a isso vale a pena sublinhar algo que não fica claro em outras formulações de Lacan. Por essa perspectiva, o

sujeito do inconsciente carece de sexo; em compensação, lhe é aberto o caminho para identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, o que não significa que a posição inconsciente seja sexuada, mas que abre a possibilidade de identificação, porém ainda não a define. (p.11).

O giro da obra de Lacan em relação ao falo é trazer esse conceito na perspectiva de um objeto simbólico e dizer que no caso da mulher, ela não é castrada no sentido literal e que não podemos falar que no caso destas ocorra a castração, pois em geral, nada lhe falta.

Como Lacan também estará às voltas com a questão da feminilidade e como a menina faz a passagem do desejo da mãe para o desejo de mulher, ele postula o falo como objeto que fará uma mediação entre desejos (do pai, da mãe e da criança). O falo é, portanto, o quarto elemento.

Grande parte da obra de Lacan é a ênfase que dá a respeito da noção de desejo, este entendido como intencional e determinante na interação de cada um com seu meio ambiente. É a partir do significante do falo que Lacan demonstra como orientamos nossas relações com o mundo social.

Mas retomemos por um momento as três saídas para a feminilidade que Freud postulou. São elas: a inibição sexual (neurose), o complexo de masculinidade e a saída positiva para a feminilidade dita normal.

Tais saídas ainda se sustentariam no auge do século XXI? Estas podem ser compreendidas a partir da perspectiva de imperativos sociais que demandam e atravessam as mulheres gerando sofrimento e até destrutividade?

Pacheco (2017) nos contextualiza quanto aquilo que ela chama de facção da ciência que acompanha o imaginário social sobre o ser da mulher a partir deste discurso, mas também o da igreja católica chegando ao discurso capitalista vigente.

A autora localiza que deste a passagem do mundo medieval para o mundo moderno fora por tais discursos que as mulheres passam a ser identificadas como bruxas e perigosas.

Em 1484 foi publicado pela Igreja Católica o chamado *Malleus Maleficarum* que afirmava serem as mulheres “naturalmente” mais propensas à bruxaria. Muitos historiadores apontam para o fato de que as mulheres, com sua sabedoria popular e conhecimentos sobre a cura das doenças, partos etc, tornaram-se uma ameaça para a nova ordem médica em ascensão. (p126).

No entanto Pacheco (2017) inicia este artigo citando uma reportagem da Revista Veja de 1995 que conferia certos atributos das mulheres tais como: emotividade exacerbada, capacidade para chorar, instinto maternal à configuração e funcionamento do cérebro. Ora, a ciência explica.

Tal matéria conclui que a diferença entre homens e mulheres, seriam determinadas pela natureza e pelo cérebro. O enigma da feminilidade seria novamente explicado pela perspectiva da biologia, da ordem natural e mais recentemente pelo cérebro.

Birman (2016) ao citar Foucault, nos diz que a modernidade constitui uma nova modalidade de poder, o biopoder. Nesta perspectiva a riqueza das nações não dependeria apenas de recursos naturais e suas indústrias, mas também da qualidade da sua população.

Esta noção traz a perspectiva de que a riqueza de uma nação é medida pelo capital humano, pelas condições de saúde, promoção de educação e que tais condições se tornam um imperativo político ao longo do século XXI.

A isso soma-se a expansão da medicina moderna, individual, coletiva, somática, moral, curativa, preventiva que foi consequência maior dessa estratégia de poder.

O que gostaríamos de ressaltar é que sem essa leitura do campo social com suas dimensões do biopoder, como uma estratégia política, não poderíamos entender a dimensão dos imperativos da atualidade que ainda acompanham as mulheres.

Dessa forma, oferecer para a figura da mulher o poder de governabilidade no espaço privado – a administração da família e dos costumes -, implicava então inseri-la de maneira precisa nos processos de medicalização configuradas pelo biopoder. Com tudo isso, o corpo da mulher foi devidamente medicalizado junto com o da criança, assim como a totalidade da existência familiar foi catalisada pelo recente discurso da medicina social, da higiene e da saúde pública. (p.63).

No entanto sabemos que hoje as mulheres não estão mais limitadas ao espaço privado e restritas aos cuidados da família ou filhos. O que ocorreu a partir da revolução feminista foi uma expansão das mulheres ao espaço público e ocupação em cargos públicos na sociedade.

No entanto nos parece, tal como apontado pelos autores aqui discutidos, que os imperativos do discurso científico e capitalista ainda contribuem muito para que a mulher se perceba diante de certos impasses ontológicos.

Rozenthal², em uma discussão sobre as contribuições de Judith Butler no campo do feminino, faz distinções importantes acerca dos ideais de nossos tempos.

Ele dirá que para Butler se o primeiro feminismo reivindica a inserção na vida institucional da mulher e a “segunda onda” recaía sobre o uso do próprio corpo destas, este corpo mesmo tributário da dominação patriarcal, na terceira onda as feministas não devem mais reivindicar o reconhecimento social das mulheres.

Rozenthal (2017) dirá:

Para a pensadora americana da terceira onda, as feministas não devem reivindicar, nem demandar reconhecimento dos direitos sociais das mulheres. Tampouco a identidade de “mulher” lhes diz respeito. Ao contrário, todas e quaisquer identidades traem o feminismo ao enaltecer, implicitamente, os ideais patriarcais, cujo protótipo é a competição, hipervalorizada no mundo das acirradas disputas capitalistas.

Ora a leitura deste artigo foi fundamental para as reflexões propostas neste trabalho. Traçar a noção de supereu na obra freudiana foi para que pudéssemos entender sob a perspectiva dos ideais sociais e do ideal de eu, como essa relação se dá na constituição do psiquismo e sociedade.

A equação entre civilização e renúncia pulsional que acompanhou toda a obra freudiana e que foi o âmago dos questionamentos no início do século pela psicanálise, parece hoje nos trazer outras interrogações no campo que aqui chamamos de feminino. Vejamos em Rozenthal (2017):

Se, por exemplo, a posse (desmedida) de bens é um valor central da atualidade, o ego se ampliará ao cumprir os desígnios impostos por esse ideal. Contudo, implicitamente, ao fortalecer o ego, o que se mantém se solidifica, ainda, mais, é o mandamento social que visa a posse e o consumo de bens que, em última análise, é a condição do radical desnível socioeconômico em que vivemos e de seus violentos desdobramentos. No jargão psicanalítico, dizemos que estamos diante do narcisismo exacerbado dos dias de hoje, condição do doloroso isolamento de que padecemos.

² www.mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br

O curioso deste artigo é pensar que essa forma de defender os direitos das mulheres acaba por valorizar ao ideal do Homem com o qual a mulher disputa e com a busca de reconhecimento se diferencia.

Rozenthal, a partir das ideias de Butler, nos diz que a mulher se distingue, porém pela parcialidade, ou seja, é o universo do Homem e que engloba a mulher como exceção.

Trata-se, portanto, de questionar como o modo de produção capitalista junto ao inegável discurso científico de nossos tempos se apresenta como categórico quando a mulher passa a pautar seu reconhecimento pela diferença e não pela singularidade.

Se, pautada pela lógica da disputa capitalista de reconhecimento de si, corre o risco de cair em um engodo do qual até a maternidade se reveste como demanda e não como desejo.

Elizabeth Badinter (2010) tratou muito bem este tema ao polemizar as opções de ser mãe e os tormentos da liberdade em nossas sociedades. Ela observa que a escolha pela maternidade parece não passar por uma reflexão ampla sobre os motivos e consequências em colocar um filho no mundo.

Badinter (2010) nos alerta:

uma vez que a maternidade não é mais o único modo de afirmação de uma mulher, o desejo de filhos pode entrar em conflito com outros imperativos. As que têm uma profissão interessante e sonham em fazer carreira – uma minoria – não podem evitar as seguintes perguntas: até que ponto a criança vai pesar sobre seu percurso profissional? Poderão lidar simultaneamente com uma carreira exigente e a criação de uma criança? Quais serão as consequências disso para a relação matrimonial? Como reorganizar a vida doméstica? Poderão elas conservar as vantagens de sua vida atual e, em especial, que aspecto da liberdade elas deverão abandonar? (p.21).

O dilema que Badinter chama de hedonista, que pode ser entendido pela noção do mais-além do prazer, portanto por uma busca de gozo diferente de satisfação, ao lado de uma sociedade em que o legítimo passa a ser a auto realização de si mesmo, apontam para temerosos dilemas subjetivos, especialmente às mulheres.

É que não basta ter uma boa profissão ou reconhecer-se na escolha materna, a ideia de plenitude pessoal em todas as esferas da vida, somado aos procedimentos ligados à beleza e o horror ao envelhecimento, são fortes indicativos dos impasses ontológicos das mulheres na atualidade.

É bem evidente que os homens ou aqueles que se reconhecem nesta categoria, também estão banhados pelos ditames fálicos do ter e das conquistas do *self made man*, podendo produzir angústias nesses sujeitos.

Mas o que se distingue no campo do feminino é justamente a sua luta pela liberdade e por uma transformação social e conquista de direitos para além do patriarcado ou se preferirmos além da lógica fálica.

Crissiuma (2017) questionará o possível diálogo entre psicanálise e feminismo colocando ambos como potências críticas das estruturas dominantes.

Ela discute diferentes leituras da psicanálise sobre o feminismo e pontua que se o discurso feminista, é aquele que reivindica a igualdade entre homens e mulheres, este mesmo apagaria as singularidades de cada sujeito, independente do gênero masculino ou feminino.

Ao retomar as reflexões da psicanalista e feminista Juliet Mitchell, Crissiuma (2017) aponta que o compromisso da psicanálise e com o sujeito é a enunciação de seu desejo.

No entanto, justamente por isso, ela aponta que por que a psicanálise ter a pretensão de ser uma teoria comprometida com a escuta desses sujeitos, ela deve, sim, se debruçar sobre as maneiras pelas quais o poder, a submissão e a opressão se repetem, analisando de forma detalhada como se dão essas relações, como elas repercutem no mal-estar de cada época se inscrevendo no inconsciente de cada sujeito. (p.142).

A isto ela acrescenta que é preciso estar atento as ideologias de poder e como tais se revestem ao longo do tempo, podendo muitas vezes se perpetuarem como dominação, no entanto com uma nova roupagem.

As atuais conquistas das mulheres que se apresentam como novas formas de viver, podem incorporar a ideia libertadora (tal como a psicanálise e o feminismo) mas podem também compor um fundo repressivo.

No percurso em tentar responder a tais questionamentos, encontramos em Cromberg (2002):

Este evento sobre o feminino, tão múltiplo e fecundo, convida a vários redizeres, pois é sempre se dizendo de outro modo, que a feminilidade pode aparecer. Deixá-la ser dita, é tomar a vertente criativa da realidade, vertente criadora de realidade. Este é, portanto, um evento tecido pelo feminino, um evento criador de realidade. (p.329)

A ideia do indivíduo feminino em Cromberg (2002) aparece associada à ideia de alteridade, singularidade e não como exceção. Para além da categoria de gêneros pré-estabelecidos ou do binarismo entre os sexos, mas que o campo do feminino se manifeste para dar lugar singular ao amor e ao corpo, diferenciando as categorias de identidade feminina e feminilidade.

A identidade tem a ver com o universo da representação, com o mundo fálico-simbólico, onde a nomeação, as posses egóicas, permitem uma certa estabilização que tem a ver com papéis, a manutenção de uma imagem sexual narcísica para si e para os outros, a partir do se assumir para si funções simbólicas. É nesse caminho que a maternidade pode se tornar uma espécie de destino final da identidade feminina. Já a feminilidade é o que dá suporte à identidade, mas nunca perde de vista o devir pulsional que aponta para valores sexuais em constante transformação, reimaginarização, resensualização e reerotização. Valores sexuais que não são investimentos morais, mas sim intensidades, o que lhes dá o caráter de investimentos afetivos que diagramam uma ética como invenção singular da vida (p.332-333).

Pois é justamente de uma ética como invenção singular da vida que apostamos como horizonte possível para construção de respostas acerca da feminilidade.

Considerações finais

“Pela sublimação o sujeito realizaria, com efeito, uma ação sublime, criando possíveis destinos para as forças pulsionais e as intensidades”

Joel Birman.

Na leitura de Joel Birman pensar a feminilidade é localizá-la no campo da origem e originário do sujeito, tal como ele nos diz, como território inaugural do erotismo, anterior à lógica fálica, subvertendo o paradigma do masculino como originário.

Pudemos compreender também o percurso que marca o pensamento ocidental desde os gregos, passando pelos ideais do cristianismo até a modernidade, marcando imaginariamente as noções de perfeição, completude e beleza ao lado dos ideais fálicos e, portanto, do mundo masculino.

Birman (2016) nos diz: “enfim, enquanto polo alteritário do psiquismo, a feminilidade permitiria também relativizar o lugar do falo na erogeneidade humana e nos descaminhos do desejo, redefinindo então as trilhas de sua errância”. (p.243).

É justamente quando o conceito de feminilidade pode ser apreendido por esse polo, ao qual o erotismo é tomado fora do registro fálico, não hierarquizado, que se constitui o que Birman chama de outra gramática erótica para a subjetividade.

Os imperativos do supereu, cuja gênese buscamos traçar, desde a sua articulação na obra de Freud até às noções de pulsão de morte, narcisismo e ideal de eu, parecem corroborar o entendimento de que o sofrimento está no excesso.

Em Cromberg essa noção nos foi compartilhada ao dizer que no excesso está o mortífero, o silencioso, a pulsão de morte, enquanto tendência à identidade totalitária ou ao totalitarismo da diferença, já que se apaga a possibilidade de relação.

Desta forma, corre-se o risco de que homens ou mulheres pautem suas subjetividades a partir de uma cristalização identitária, criando sérios impasses quanto à possibilidade de ser capturado pelo outro e capturar-se pela alteridade.

Outra autora que nos acompanhou durante este trabalho foi Simone de Beauvoir. Ela nos diz: “não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade”. (p.67).

Dentro desta perspectiva ela situa o problema do destino feminino a partir da dimensão da liberdade em que ela pode escolher entre a afirmação de sua transcendência por um lado e por outra sua alienação como objeto.

Mas essa não seria a problemática de todo e qualquer ser humano e que em psicanálise entende-se que identificação e alienação são, para ambos os sexos, suas próprias reivindicações existenciais?

Desta forma entendemos que a reivindicação da liberdade de qualquer que se coloque ao lado do feminino é pelo desejo de cada um e não quando o sujeito feminino pretende se afirmar todo na lógica fálica.

Não há nada de errado em que as mulheres do século XXI optem por exercerem posições de prestígio em suas carreiras, ou escolham por exercer a maternidade em sua plenitude, conciliando com suas profissões, revestindo-se daquilo que é considerado valor em uma sociedade.

Nossa hipótese neste trabalho foi justamente investigar como os imperativos superegóicos presentes na sociedade atual podem produzir sofrimento as mulheres e de que forma o fazem.

Nossa investigação nos leva a considerar que o impasse está justamente na confluência de quando os ideais fálicos da sociedade capitalista atravessam as mulheres, de forma que elas se reconheçam somente a partir da reivindicação fálica.

A presença da alteridade e do heteros, tão característica da posição feminina, aponta para uma possibilidade de reconhecimento para além do falo ao qual a singularidade de cada mulher se faz pulsante.

É no consultório que escutamos as dificuldades do não todo. Não poder incluir todas as escolhas, ou ter que escolher entre a carreira e a maternidade, em poder envelhecer sem que isso seja vivido como destruição narcísica, em poder libertar-se de uma relação amorosa opressora sem sentir-se avassaladoramente culposa.

São desses “destinos superegóicos” que tentamos tratar aqui. Os restos de um passado histórico sócio político do imaginário sobre A Mulher e quais as possíveis saídas para a expressão desejante de cada uma.

Pacheco (2017) questiona onde estaria a caça às bruxas, ao Heteros do século 21, século este mesmo que parece em que a mulher, enquanto gênero está em todos os lugares.

Estará a mulher em nossa memória, ou mais ocupada em tentar ser e parecer? Crescer e aparecer? Estará lá onde pode ser vista por um homem, ou na paixão que leva a Melancholia? (p.126).

Estes são os desafios da clínica da feminilidade. Nossa aposta é sempre na escuta do desejo. Desejo este, tão íntimo, particular e peculiar. O desejo inconsciente de cada uma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBERTÍN, Marta Gerez. *Imperativos do Supereu: Testemunhos clínicos*. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ªed., 2016.

BERTA, Sandra Leticia. *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume editora, 2015.

CRISSIUMA, Manuela. *Um possível diálogo entre a psicanálise e feminismo: Mulher como Outro?. In: Amor, Desejo e Gozo*. São Paulo: editora Calligraphie, 2017.

CROMBERG, Renata Udler. *Entre fazer um corpo só e estar só com um corpo: a feminilidade dita de outro modo*. In: Figuras clínicas do feminino no mal estar contemporâneo. São Paulo: editora Escuta, 2002.

DAIBERT, Daniela de Oliveira Martins Mendes. *O imperativo de gozo do supereu e sua conexão com a demanda de amor insaciável das mulheres*. Revista Mal-Estar e Subjetividade (Fortaleza), vol. XII, n 3-4, 583 – 606 p., 2012.

DALLAZEN, Liziana. *O Superego e o ideal de ego: um destino ao romance familiar*. São Paulo, 2010., 154 p. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica). USP/SP.

DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: UBU editora, 2017.

ESTEVIÃO, Ivan Ramos. *A teoria freudiana do complexo de Édipo*. São Paulo: editora Escuta, 2017.

FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 2.

FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XI.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 11.

FREUD, Sigmund. *Para uma introdução ao Narcisismo (1914)*. In: Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Porto Alegre, CEPPA, 2014.

FREUD, Sigmund. *Para uma introdução ao Narcisismo (1914)*. In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 12.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos além do princípio do prazer e outros textos. (1917-1920)*. In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 14.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 15.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id, "autobiografia" e outros trabalhos. (1923-1925). In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 16.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936). In: EDIÇÃO COMPANHIA DAS LETRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. São Paulo: 2016. Vol. 18.

HOMRICH, Adriana Chaves Borges. *O conceito de superego na teoria freudiana*. São Paulo, 2008, 249 p., Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). USP/SP.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2008.

MEZAN, Renato. *O tronco e os ramos – Estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 2ª edição, 1989.

NAKASU, Maria Vilela Pinto. *Supereu: inquilino do eu*. *Revista de Filosofia Aurora*, v.23, n.32, 183-200 p., 2011.

PACHECO, Ana Laura Prates. *A heteridade e a mulher*. In: *Amor, Desejo e Gozo*. São Paulo: editora Calligraphie, 2017.À

PRIMO, Levi. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

RABINOVICH, Diana. *A significação do falo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora, 1995.

ROZENTHAL, Eduardo. Judith Butler: um pensamento diferente. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 06/11/2017.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitemp Editorial, 2008.

SAFATLE, Vladimir. *Grande Hotel Abismo: Por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SAFATLE, Vladimir. *Permanecer histórica: sexualidade e contingência a partir do Caso Dora*. Revista Agora (Rio de Janeiro), v. XIX, n. 3 377-391 p., 2016.

VAN HAUTE, Philippe; GEYSKENS, Tomas. *Psicanálise sem Édipo – Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.